

REAJUSTE MENSAL
DE SALÁRIOS?
SOU CONTRA...
TEM QUE SER DIÁRIO!



BRASIL AGORA

EXTRA: FHC DIZ QUE NÃO HÁ
MAIS ARROCHO SALARIAL!

ÓLICO! É MELHOR
INTERNAR LOGO, ANTES
QUE ELE PIORE!



ANO II Nº 42

5 A 18 DE JULHO DE 1993

CR\$ 65.000,00

TERCEIRA VIA

*Itamar faz mais
trapalhadas e FHC
cai na mesmice.*

PÁGINAS 4 E 5

DIREITOS HUMANOS

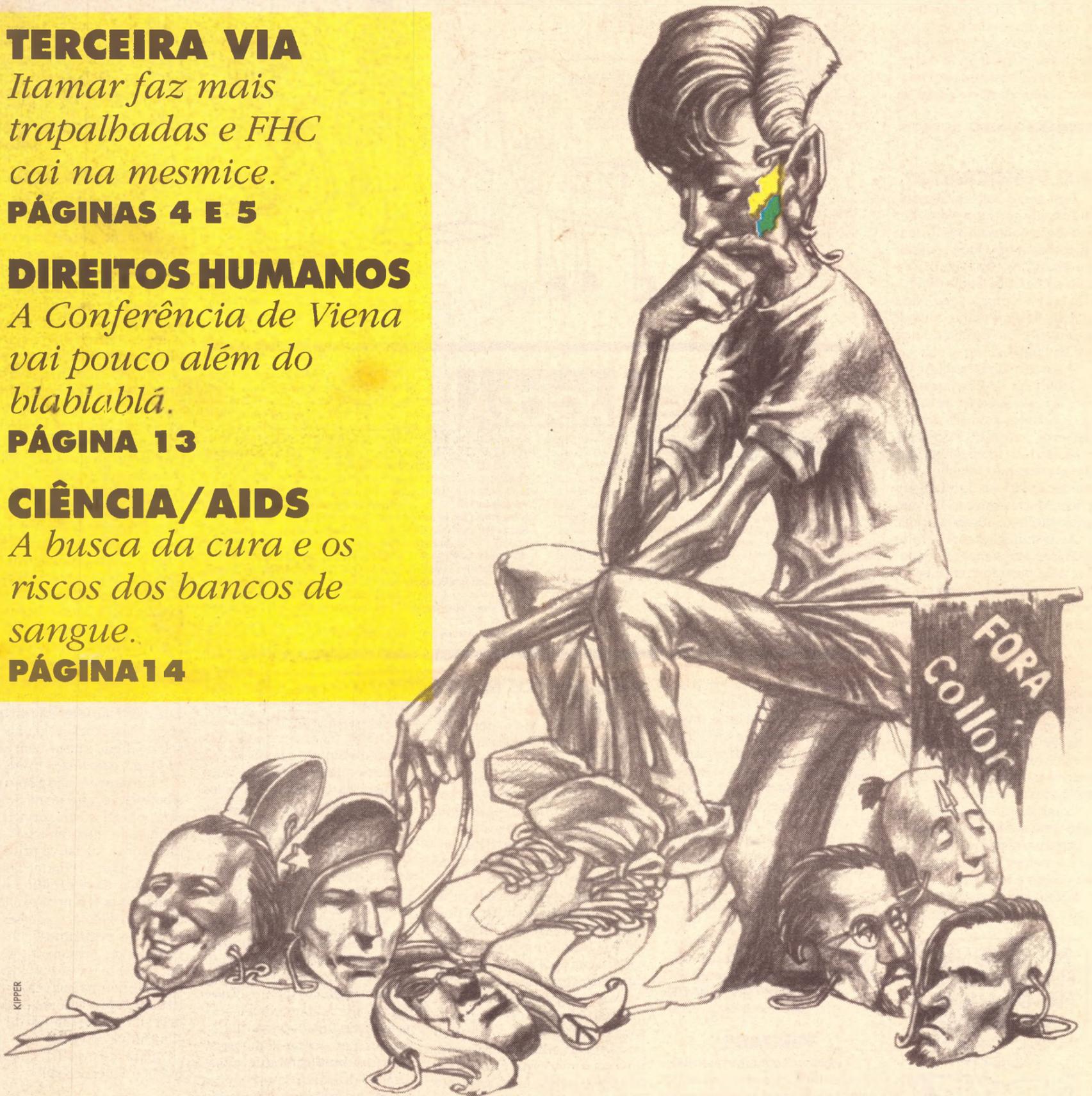
*A Conferência de Viena
vai pouco além do
blablablá.*

PÁGINA 13

CIÊNCIA/AIDS

*A busca da cura e os
riscos dos bancos de
sangue.*

PÁGINA 14



QUAL É A TUA, CARAPINTADA?

Principal organização da juventude brasileira, especialmente dos caras-pintadas, a UNE realiza seu 42º Congresso e inspira debates sobre o jovem atual. Revolucionário ou alienado? Individualista e sem sonhos? Ou pragmático e pronto para participar?

PÁGINAS 7, 8 E 9

CARAVANA

"Abomináveis na grandeza, os reis da mina e da fornalha edificaram a riqueza sobre o suor de quem trabalha. Todo o produto de quem sua, a cor já rica o recolheu. Querendo que ele o restituia, o povo quer só o que é seu" (Internacional, 1864).

Todas as glórias ao "presidente paralelo", Lula-lá! (é piada de salão). Viva o jornal **Brasil Agora** nº 40. Todas as glórias ao Fúlvio Abramo!

A caravana passa e os cães ladram. De fato, a chamada "Coluna Lula-lá" foi importantíssima, como uma redescoberta do Brasil. Inclusive, aqui na minha cidade estou batalhando contra a miséria e a fome, junto aos bancários, inspirado nesta iniciativa petista.

FERNANDO COSTA DE PAULA
Petrópolis, RJ

QUE DEMOCRACIA?

Tem gente hoje em dia que tem ânsia de bater em Cuba. Em nome da democracia (qual?), tem que acabar com Cuba. Afinal, para esses caras, não existem contradições. Se Cuba é uma ditadura de partido único, logo nada presta lá. Melhor matar "democraticamente" na Bósnia do que viver em liberdade em Cuba.

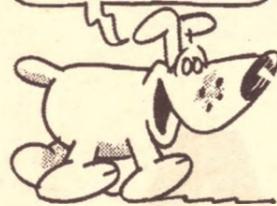
Quando o companheiro Milton Dantas diz: "Aliás, no que se refere ao machismo e ao racismo, os cubanos ganham de nós, brasileiros", ele sim é que está duvidando da inteligência dos leitores e fazendo também com que nós duvidemos da inteligência dele. Machismo e racismo são manifestações culturais e sociais.

As discriminações racial e de gênero são amplamente combatidas pelo partido comunista e pelas organizações de massa. O resultado é visível. Negros e mulheres lindos, sadios, com todos os dentes, ocupando todos os cargos e profissões em igualdade com os brancos. As mulheres cubanas, quando se enchem dos seus machistas, passam no juiz, pagam cem pesos e no dia seguinte estão divorciadas. Se ficam com as crianças, permanecem na moradia e têm sustento garantido para elas e os filhos.

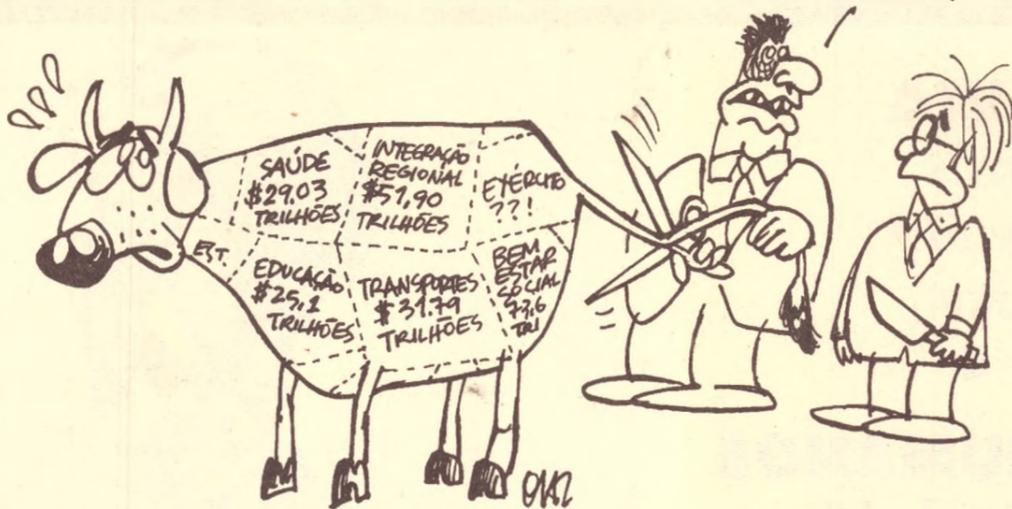
Combatendo-se a discriminação combate-se a longo prazo a cultura machista e racista. Cuba hoje é o melhor lugar do mundo para negros e mulheres.

Então Cuba é o paraíso? Claro que não. Está hoje em uma

PÔ! SÓ EU NÃO FUI CONVIDADO PRO CASAMENTO, VICENTINHO?!



NÃO É MELHOR A GENTE FAZER UM TESTE ANTES?!



DIRETOR: JOÃO MACHADO. **EDITOR:** JOSÉ AMÉRICO DIAS. **EDITOR DE ARTE:** CACO BISOL. **REDAÇÃO:** ANTONIO MARTINS, FLÁVIO AGUIAR, HAMILTON CARDOSO, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. **SECRETÁRIA:** ADÉLIA CHAGAS. **SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL:** LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER. **COPIESQUE E REVISÃO:** CELSO CRUZ. **DIGITAÇÃO:** ELIZABETE D. DA SILVA. **EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:** LOURIVAL MARRANHÃO, SILVIA ROMERO E FABIANO CIAMBRA. **PRODUÇÃO GRÁFICA:** FABIANO CIAMBRA. **COLABORADORES:** ALIAN RODRIGUES, ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, EUANA ALVES DE MORAES, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, FLÁVIO PACHALSKI, GENARO URSO, HELIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIXAS, ISAAC AKCELRUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ ROCHA, JUAN PEZZUTTO, JUAREZ GUIMARÃES, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, LUSCAR, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSKIND, MARINGONI, MARISA MELANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOU, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNÉIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN,

BRASIL AGORA

PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAIMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTU, RUI FALCÃO, RUTH BUENO DE ARAUJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL. **BRASIL AGORA** É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GIETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718. FAX: (011) 222.2865. **ADMINISTRAÇÃO:** M^ª ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO (COORDENAÇÃO GERAL):** MARIA ODETE G. DE CARVALHO E JOSÉ LUIS NADAI, ANA MARIA ALVES (ASSINATURAS), GUIBERTO GENESTRA (DIGITAÇÃO). **GERENTE DE DESENVOLVIMENTO:** PAULO M. SOLDANO. **GERENTE DE MARKETING:** ÉDER DE ARAÚJO SANTOS. **ASSINATURAS:** RIO DE JANEIRO: ANA CLÁUDIA F. GONÇALVES (021)242.0793, FORTALEZA: JOSÉ VITAL (085)252.1992, PORTO ALEGRE: MOISÉS BALESTRO (051)221.7733, BELÉM: JOSÉ MARIA R. DE SOUZA FILHO (091)224.8579, BELO HORIZONTE: ANTONIO BORGES (CEBOIA) (031)222.3735, FLORIANÓPOLIS: PAULO EDUARDO SOLDANO, ELIZABETH A. BERNARDO (0482)23.5907. **EXPEDIÇÃO:** JOÃO A. GUEVARA. **SERVIÇOS GERAIS:** EUSLÂNDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCIENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. **IMPRESSÃO:** DIÁRIO DE MOGI. **DISTRIBUIÇÃO:** DINAP S/A. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 30 DE JUNHO DE 1993.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: JOSÉ AMÉRICO DIAS

encruzilhada. Ou avança na direção de maior liberdade de expressão e organização política, inventa alguma espécie de socialismo democrático, ou vai para uma situação parecida com a da Rússia.

Torço pela primeira hipótese. Sonho ver negros, mulheres e brancos cubanos, unidos, lutando para "sair dessa". Já a outra lógica talvez prefira a segunda hipótese. Quem sabe os negros e as mulheres cubanas voltem para as senzalas, aprendam a lutar pelos seus direitos e assim, mais espicaçados, tenham melhores condições de acabar com o preconceito. Não é esta a receita?

NEWTON V. BASILE
São Bernardo do Campo, SP

VERDADE

Gostaria de enfatizar que o meu apoio é a um jornalismo verdadeiro e corajoso. Estamos todos precisando de informação honesta. Por favor, não traiam os seus leitores.

MARIA DO ROSÁRIO BRAGA
Cananéia, SP

DINOSSAUROS NO PT?

O jornal, no nº 38, veiculou em sua contracapa a matéria "Os dinossauros estão de volta", pautada sob a vineta de tempos modernos e assinada por José Corrêa. Percebi que os dinossauros eram uma espécie de fio condutor de um artigo que se propunha fazer "uma leitura criativa de variados aspectos do mundo contemporâneo". Todavia, o artigo serviu tanto para fazer divulgação científica, pois pretendeu apresentar diferenças entre a "velha" e a "nova" visão sobre os antigos répteis, quanto para sub-repticiamente tentar "salvar" as aparências daqueles que são chamados de dinossauros dentro do PT. O objetivo foi divulgar os dinossauros como uma coisa moderna. Ocorre que tal artigo, para poder alcançar objetivos tão ambíguos e díspares, ficou clivado de informações distorcidas, nos mais diferentes aspectos.

A divulgação científica é um

trabalho deveras importante num país como o Brasil. Contudo, tal divulgação, exatamente por tratar da visão que temos acerca do mundo e também dos mundos que se passaram, deve ser necessariamente feita pelos melhores especialistas da área, assim como um jornal deve ser escrito por jornalistas. A divulgação científica, fora disso, perde qualquer seriedade e contribui de fato para criar distorções no imaginário popular.

Logo, o objetivo principal do artigo do José Corrêa foi levar vantagem no debate político utilizando-se dos novos conhecimentos científicos sobre os dinossauros. Ele acabou cometendo, na verdade, uma sucessão de disparates, para tentar demonstrar através de uma história de humanização dos dinossauros que o dogma e o arcaísmo não são tão ruins assim.

Dogma é dogma, seja na ciência ou na política e, para mantê-los, acaba-se realmente por

tornar terríveis não só os antigos lagartos, mas também o mundo como um todo, que exige permanentemente nossa reflexão e atualização.

RUALDO MENEGAT
Porto Alegre, RS

QUARTA VIA

Fiquei feliz ao ler na edição nº 40 do jornal o artigo lúcido e esclarecedor do jornalista Ricardo Kotscho.

E ele pode ficar tranqüilo, pois não foi a única pessoa que tinha, a todo momento, de estar dando explicações sobre os reais objetivos da Caravana da Cidadania. A "quarta via", infelizmente, continua fazendo bem o seu papel. Felizmente existem brasileiros que já estão vacinados.

JOSÉ GUILHERME LIRA
Caruaru, PE

SEGURANÇA PRIVATIZADA

Tramita na Assembléia Legislativa, no Rio de Janeiro, um projeto de lei, de autoria do governador do estado, Leonel Brizola. O governo estadual pretende regulamentar o desempenho da função de vigilância privada pelos servidores das polícias Civil e Militar e fixar normas regulamentares sobre o exercício da função de vigilância privada.

Trata-se, na verdade, de um projeto de lei que se baseia num equívoco: o de considerar que o duplo emprego dos policiais fluminenses resulte de "raízes sócio-econômico-culturais".

Ao tentar regulamentar essa situação absurda, o poder público do estado, incoerente com o suposto ideário político de seus gestores, dá um grande passo em direção à privatização da segurança pública, em detrimento dos interesses da maior parte da população, beneficiando uma ínfima parcela que pode pagar, por fora, para ter segurança.

A quem interessa esse projeto de lei? Não interessa aos policiais. Eles desejam ganhar um salário digno e justo, com exclusividade, e de forma tranqüila.

Ele também não é bom para a população, que ao invés de ter um policial a seu serviço terá apenas um "meio policial", dividido com a iniciativa privada.

A quem verdadeiramente interessa esse projeto, senão àqueles que vivem da exclusividade da exploração desses serviços de segurança? Ou aos gestores da Administração Pública que, ao invés de colocarem em prática uma política de valorização do profissional, passarão essa sua responsabilidade para a iniciativa privada?

Para nós do PT o serviço público é inegociável!

NÚCLEO DE TRABALHADORES EM SEGURANÇA PÚBLICA DO PT

Rio de Janeiro, RJ.

SEJA NOSSO REPRESENTANTE

O jornal **Brasil Agora**, em fase de expansão, procura vendedores com alguma experiência para atuação nas capitais e interior dos estados. Possibilidade de bons ganhos.

O jornal garante apoio operacional. Procure o coordenador do seu estado.



MG	Antonio Borges	(031)222.3735
NORDESTE	José Vital	(085)252.1992
PA	José Maria	(091)224.8579
RJ	Paulo Soldano	(021)242.0793
RS	Moisés Balestro	(051)221.7733
SP E OUTROS	Éder/Odette	0800)11.1300

O PODER JOVEM AINDA EXISTE?

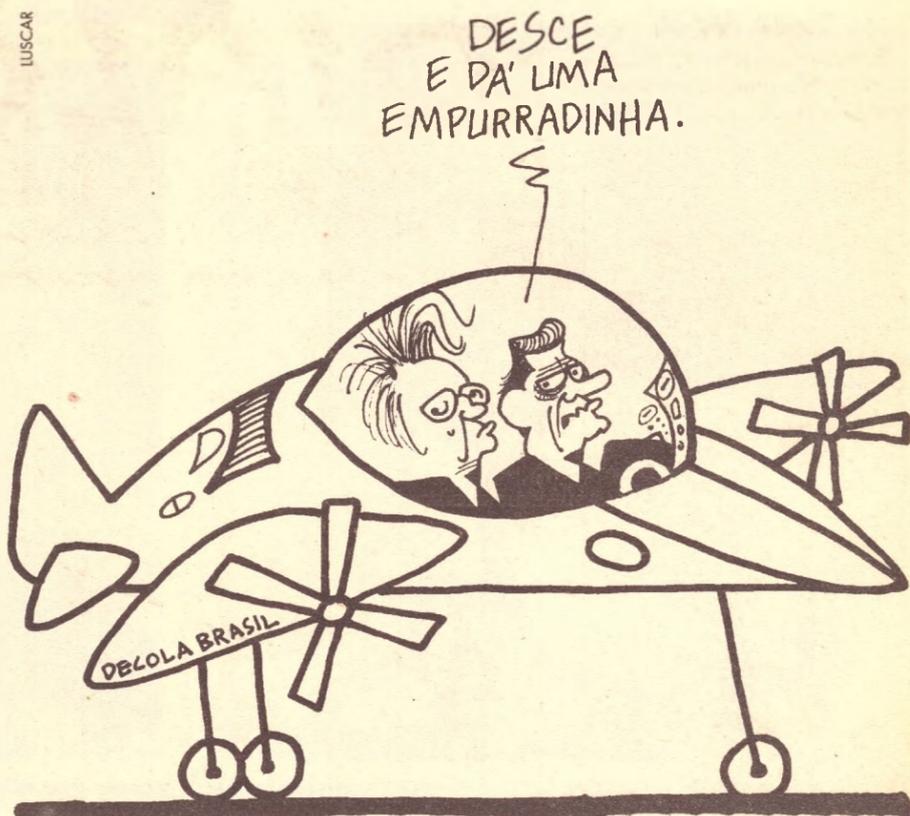
Nos anos 60, a juventude estudantil brasileira chegou a ser chamada pomposamente de *poder jovem*. Hoje, mesmo depois de ter ido às ruas na luta pelo *impeachment* de Collor, no ano passado, ela não tem mais o peso político de antigamente e chega a provocar arroubos saudosistas em antigas lideranças. Ao velho desafio da esquerda brasileira de organizar a juventude para além dos limites do movimento estudantil, hoje acrescenta-se um outro - no próprio espaço universitário e secundarista, a UNE continua distanciada de grandes parcelas do estudantado. Superar este dilema, é certamente a principal tarefa colocada para o 46º Congresso da entidade, que se realiza em Goiânia, de 30 de junho a 4 de julho (páginas 7 a 10).

Enquanto os estudantes discutem os seus caminhos em Goiânia, milhares de outros jovens - a maioria trabalhadores - envolvem-se apaixonadamente nas manifestações de dois ritmos musicais de origem afro: o *funk* e o *rap*. Nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro, eles também procuram, a seu modo, um caminho. No caso do *rap*, aliás, com inegável pretensão política (veja matéria na página 16).

Outro destaque desta edição é a reportagem de Antônio Carlos Queiroz, de Brasília, sobre Fernando Henrique e o governo Itamar. O mais prestigiado ministro da Fazenda dos últimos anos no Brasil repete a mesmice de seus antecessores, brandindo a cartilha neoliberal de cortes de gasto públicos e arrocho de salários. Mas corre o risco de ser atropelado pela inflação, que ultrapassou a perigosa marca dos 30%, em junho.

O EDITOR

LUSCAR



OPINIÃO

CRISTÓVAM BUARQUE*

Encruzilhada e ponte

Toda a militância petista está preocupada com a necessidade de governabilidade para o próximo governo nacional, que poderá ser do PT. O último encontro mostra duas estratégias diferentes para obter esta governabilidade. A primeira, que ficou sendo classificada, equivocadamente, de direita, acredita que a governabilidade passa por uma aliança com os setores conservadores. A segunda, que ficou sendo chamada, também equivocadamente, de esquerda, defende que a governabilidade depende da clareza na explicitação dos compromissos socialistas com os trabalhadores do setor moderno da sociedade.

O equívoco da primeira alternativa é não perceber que não há alternativa dentro das prioridades sócio-econômicas dos conservadores. Se existisse, eles não precisariam do PT. Se a direita não tem conseguido reorganizar a economia nacional, não é um PT conservador que vai conseguir. Essa alternativa não percebe também que para manter o atual quadro produtivo a economia não permite

distribuição da renda, uma vez que a demanda por seus bens exige uma renda concentrada.

Por outro lado, a segunda alternativa tem esquecido não apenas que é difícil governar democraticamente sem as elites empresariais, mas, também e sobretudo, que não se justifica governar apenas para os trabalhadores do setor moderno. O PT trairá seus compromissos éticos de partido de esquerda, se não for capaz de governar para as massas excluídas.

O PT, como toda a sociedade brasileira, está numa encruzilhada. O debate interno que antecedeu o último encontro é parte desta encruzilhada.

Cada vez que enfrentava uma crise, o modelo de crescimento implantado desde os anos 30 incorporava ou excluía parte da população dos benefícios do progresso.

INCORPORAR OS EXCLUÍDOS. A atual crise vai exigir mais uma vez uma opção entre um modelo que incorpore os excluídos ou que implante de forma

explícita um sistema de crescimento separado, um *apartheid* social, nos moldes da África do Sul. O que diferencia a atual situação, em relação ao passado, é que o sistema de *apartheid* será capaz de beneficiar grande parte dos trabalhadores do setor moderno, especialmente aqueles que compõem as bases do PT, mas excluindo o resto da população. É por isso que o PT também vive uma encruzilhada equivalente à de toda a sociedade brasileira.

A atual encruzilhada que vive a sociedade brasileira oferece dois caminhos alternativos: a explicitação do *apartheid* social, que aliará a elite empresarial e os trabalhadores modernos, sem qualquer consideração pelos excluídos; ou a formação de uma proposta alternativa de modernidade.

A crise, o esgotamento do atual modelo, o colapso da modernidade excludente exigem mudanças e permitem um enorme otimismo para os quadros do PT. Mas, para que isto se realize, o PT terá que mudar a si próprio.

As opções do PT não devem estar na procura de um equilíbrio conservador, dentro dos mesmos objetivos tra-

dicionais; nem em esconder o conservadorismo por trás de um discurso sectário, mas comprometido apenas com os objetivos dos trabalhadores do setor moderno, ignorando a pauta de reivindicações populares. O Encontro Nacional serviu para explicitar as diferenças, mas também para mostrar a necessidade do desafio do PT: ser a ponte que aliará os interesses dos excluídos e os dos trabalhadores do setor moder-

no, convivendo democraticamente com todos os setores da sociedade. Diferenciando claramente, porém, a convivência com estes últimos da aliança entre os dois primeiros grupos.

Para servir como

ponte, as partes do PT terão que mudar: radicalizar nos objetivos que propõem para o Brasil, nos compromissos populares e nas prioridades a que se propõem, ao mesmo tempo desestabilizando seu discurso, de maneira a ser entendido e vinculado às grandes massas e tolerado pelos demais setores sociais.

PT terão que mudar: radicalizar nos objetivos que propõem para o Brasil, nos compromissos populares e nas prioridades a que se propõem, ao mesmo tempo desestabilizando seu discurso, de maneira a ser entendido e vinculado às grandes massas e tolerado pelos demais setores sociais.

O esgotamento do modelo atual exige mudanças e permite otimismo ao partido. Mas é preciso que o PT mude a si próprio.

* CRISTÓVAM BUARQUE militante do PT em Brasília. Autor de *A Revolução na Esquerda e a Invenção do Brasil*.

OPINIÃO

ANGELA GUADAGNIN*

Chega de fome!

Parece que o Brasil começou a acordar para o problema da fome. Depois de muito nos comovermos (e com toda razão) com a situação em Biafra, na Etiópia, na Somália e no Haiti, estamos percebendo que há um bom tempo o bicho-papão está tomando conta do nosso quintal, da nossa cozinha, e já ameaça a sala de visitas. Para fixar esse cenário em nosso rol de preocupações, é bom lembrar sempre o diagnóstico.

Consta que, dos cerca de 150 milhões de brasileiros, quase a metade (em torno de 70 milhões) se encontra em situação de fome e miséria absoluta. Junto com a previsão de que nascerão 4 milhões de crianças no país em 1993, estima-se também que 190 mil terão morrido por desnutrição. Ninguém deveria conseguir dormir com esses números.

O Partido dos Trabalhadores, seus parlamentares e suas administrações municipais têm o compromisso de responsabilidade de assumir a linha de

frente na guerra contra a fome. O partido tem o mérito de ter sensibilizado o governo federal, através do companheiro Lula, para a situação, originando a criação do Programa Nacional de Combate à Fome, capitaneado pelo Betinho. Agora é arregaçar as mangas.

A Administração Democrática e Popular de São José dos Campos acaba de conseguir, por sua iniciativa, que a cidade seja uma das primeiras do Brasil a ter um comitê próprio contra a fome. O Comitê de Combate à Fome, pela Vida foi instalado no dia 21 de junho em uma reunião da qual participaram cerca de cem entidades. Apesar dos imensos antagonismos políticos e ideológicos, todos os setores atenderam à convocação da administração e estão representados.

O ESTOPIM. Foi preciso uma criança morrer para que a sociedade ficasse sensível à urgência de medidas que já vínhamos cobrando do governo. No início de junho, um menino de 11 anos foi assassinado com um tiro na nuca, à

queima-roupa, por um vigia da empresa que recolhe o lixo em São José dos Campos. O garoto estava no aterro sanitário do município, o "Lixão", catando restos de comida e de sucata.

Imediatamente a imprensa local e nacional revelou que a comunidade do bairro vizinho ao aterro (que ironicamente se chama Torrão de Ouro) costuma se alimentar da comida jogada ali. Ainda, pasmem, supermercados e em-

presas jogam no "Lixão" alimentos em bom estado e dentro do prazo de validade. E seres humanos disputam o "banquete" anti-higiênico e indigno com urubus e cachorros.

INICIATIVAS. Passado o choque inicial, a prefeitura tomou duas iniciativas. A primeira foi implementar medidas de urgência específicas para a população de cerca de 500 pessoas do Torrão de Ouro. Durante sete dias, foram distribuídas 500 refeições no bairro, uma medida assistencial e imediata, mas necessária para afastar as pessoas do "Lixão", num primeiro momento. Mas, na seqüência, já entraram em ação as secretarias de Saúde, Educação

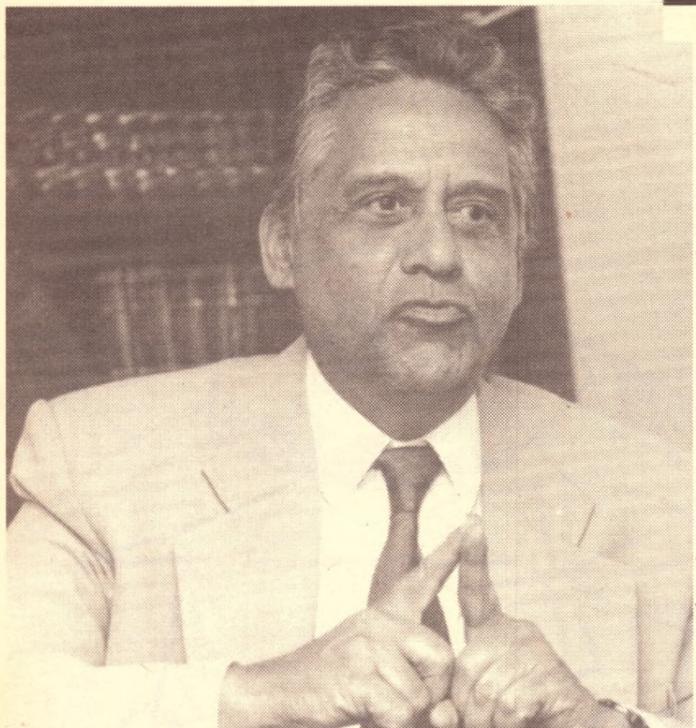
e Desenvolvimento Social, com programas emergenciais que visam solucionar a questão de fundo, que é a miséria e o desemprego.

A outra iniciativa foi chamar toda a sociedade para criar o comitê e iniciar já um combate unificado a toda a fome e miséria existentes na cidade. Estão na coordenação do comitê, além da administração, o bispo católico, o Conselho das Igrejas Evangélicas, o Lions, o

Rotary, a Universidade do Vale do Paraíba, o Banco do Brasil, o Sesi/Senai/Ciesp, as polícias Civil e Militar, os sindicatos dos Metalúrgicos, dos Engenheiros e do Comércio Varejista (este último patronal). O comitê

tem seis Grupos de Trabalho: Arrecadação de Alimentos, Distribuição, Criação de Empregos, Reciclagem do Lixo, Estudos e Trabalho Social e Mobilização e Divulgação. É hora do país todo entrar na luta. E cabe ao PT dar o pontapé inicial, incentivar, mobilizar e não deixar a peteca cair, jamais.

* ANGELA GUADAGNIN é prefeita de São José dos Campos (PT)



ROBERTO JANNEY/FOLHA IMAGEM



EUGÊNIO NOVAES/FOLHA IMAGEM

O "ministro beleza" mostra que não veio para mudar o circo de Itamar

Em ritmo de Itamar FHC não decola

O ministro cai no lugar comum de culpar salários pela inflação. E o presidente desagrada gregos e troianos com essa sua busca da "terceira via".

A semana que terminou no dia 26 de junho mostrou que o presidente Itamar Franco corre o risco de ficar num mato sem cachorro. Perante a opinião pública, sua popularidade está em queda. No final de maio, conforme apurou o Gallup, já era menor do que a pior marca alcançada pelo general João Figueiredo. E agora, como deixou claro a votação do projeto de reajuste mensal dos salários, Itamar deve enfrentar uma oposição mais intensa no Congresso Nacional.

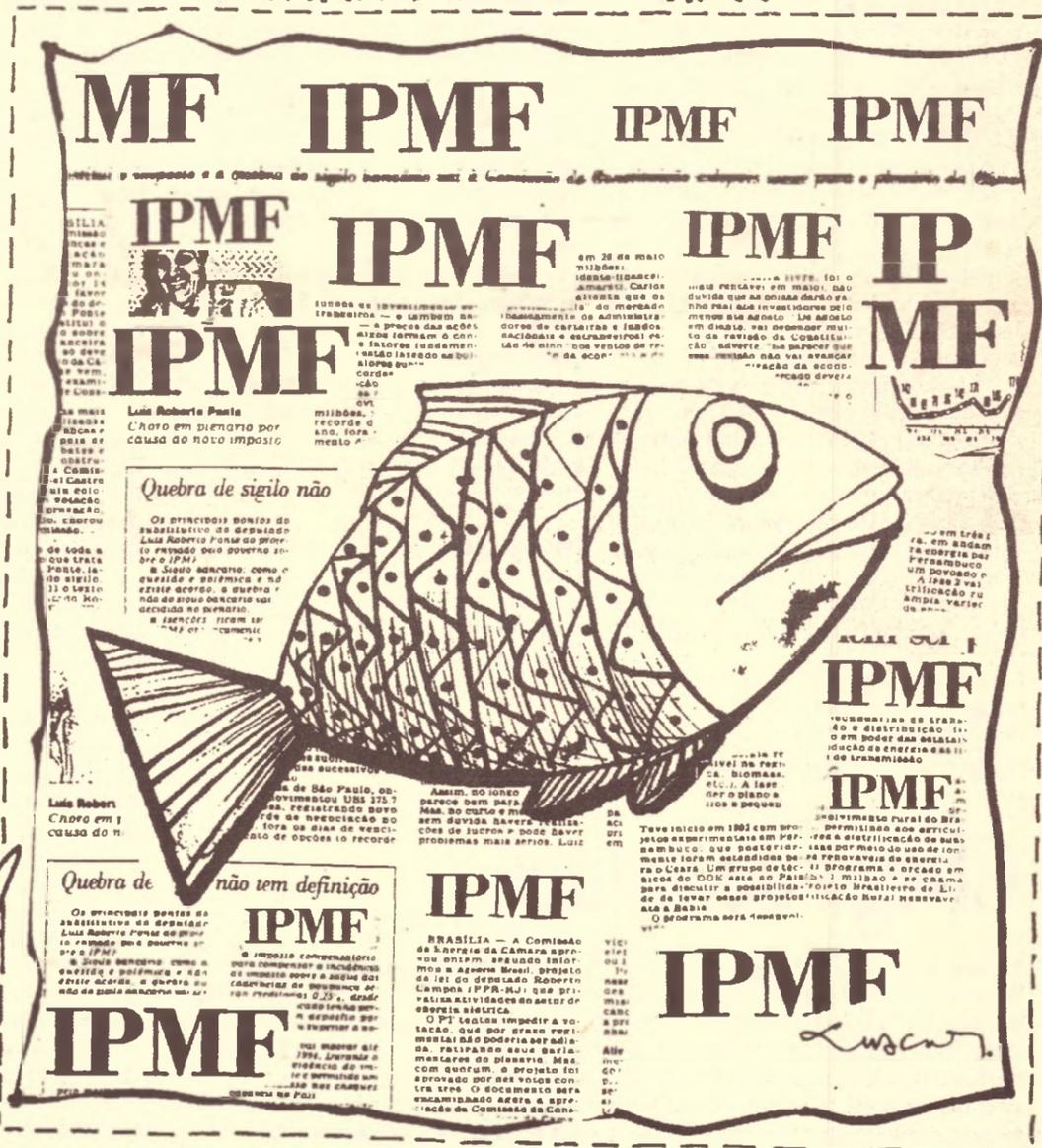
Na terça-feira, 22, o governo pareceu demonstrar força, aprovando na Câmara dos Deputados, por 308 votos a 87, o projeto de lei que regulamenta a cobrança do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF). No dia seguinte, porém, houve uma completa reversão de expectativas. Nada menos que 384 deputados votaram a favor do reajuste mensal dos salários, proposto pelo deputado Paulo Paim, do PT gaúcho. Apenas dois deputados, um deles o ex-ministro Gustavo Krause (PFL-PE), votaram contra.

À esquerda, a situação de Itamar complicou-se com a decisão da nova direção do PT de fazer-lhe "oposição ativa", abandonando de vez a estrúxula "oposição propositiva", e com o rompimento, ainda não formalizado, do PCdoB.

OS GRILOS DO PMDB. No centro, o problema mais visível é a bancada do PMDB, insatisfeita com os espaços conquistados na máquina do governo pelo PSDB e com o papel de "coadjuvantes" que o presidente Itamar teria reservado para os peemedebistas. Só a muito custo o líder Genebaldo Corrêa (BA) conseguiu convencer os rebeldes do partido, liderados pelas bancadas de Minas Gerais e São Paulo, a votar a favor do IPMF. Eles concordaram, para evitar que o ministro Fernando Henrique Cardoso pudesse imputar ao PMDB a culpa pelo eventual fracasso de seu "Plano Verdade" ou "Plano Mentira", como diz o deputado Manoel Moreira (SP), líder da tropa de choque do ex-governador Orestes Quércia, que compara o plano FHC a um filme de efeitos especiais de fazer inveja a Spielberg. Diante da rebelião, Genebaldo se dispôs a conversar com Itamar para definir melhor o papel (e os cargos) do PMDB, sabendo que o partido precisa resolver a sua crise de identidade, com urgência, para poder enfrentar o desafio da sucessão presidencial no ano que vem.

É muito provável, no entanto, que os problemas de Itamar no centro do espectro político não vão se resumir à bancada do PMDB. Itamar e o PSDB calculam que o sucesso do Plano FHC possa pavimentar, com o apoio das forças centristas, o caminho da chamada "Terceira Via", isto é, uma alternativa às candidaturas de Lula e Maluf. Ocorre que este plano, de nítido conteúdo neoliberal, não pode satisfazer os interesses dessas forças. Trocando em miúdos: se Fernando Henrique fosse um sujeito mais ousado - como o deputado José Serra, talvez -, ele poderia fazer um plano ainda mais

PARA RECORTAR E EMBRULHAR



drástico para disputar não o apoio do centro mas sim o apoio da direita.

FIESP E DONA RUTH. A FIESP parece ter percebido esta equação. No dia 22 de junho, o presidente da entidade, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, divulgou uma nota ("Brasil, a hora da verdade") de apoio ao plano de Fernando Henrique. No dia seguinte, voou para Brasília para se encontrar com Itamar, na companhia do presidente da Força Sindical, Luiz Antô-

nio de Medeiros, de empresários que abocanham uma parcela ponderável do PIB e de artistas convocados pela atriz Ruth Escobar. Os mesmos, aliás, que já fizeram coro aos planos de Fernando Collor.

Os alvos do movimento, chamado "Decola Brasil" em Brasília, a oposição o apelidou de "Degola o Brasil," são os mesmos definidos por Fernando Henrique: os funcionários públicos e o Congresso Nacional. Ou seja, os problemas econômicos do país decorreriam da "gastança públi-

ca", incentivada pelo "fisiologismo dos políticos". Nada a ver com a grana para o Metrô de Brasília, a Linha Vermelha do Rio e, principalmente, para os usineiros nordestinos, não é? No ar, ficou a advertência em tom de ameaça do presidente da FIESP: se o ajuste fracassar, o país pode ser levado à ruptura social.

A questão é que o Brasil já está sendo levado à ruptura social há muito tempo e os cortes no Orçamento da União anunciados só deverão piorar esta situação. Na ponta do lá-



AS MANOBRAS DO CANDIDATO SARNEY

É preciso prestar atenção nos movimentos do ex-presidente e atual senador José Sarney. Para quem não sabe, Sarney está preparando o terreno para lançar sua candidatura à presidência da República. Dias antes da votação do projeto do reajuste mensal dos salários, ele visitou o deputado Paulo Paim para dizer que era a favor, "por questão de coerência". Nas próximas semanas, ele vai publicar um milhão de cópias de um livreto intitulado O Governo Sarney em números. Segundo a Veja, para tentar provar que os brasileiros e as brasileiras eram felizes durante a sua administração e não sabiam... Um de seus maiores cabos eleitorais é o ex-

ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves. Além de manter um forte esquema no Congresso Nacional, Sarney tem circulado com grande desenvoltura nos meios militares. Pode-se dizer, aliás, que ele já conta com um esquema militar razoável dentro do governo Itamar. São seus amigos o comandante do Leste, general Rubem Bayma Denis, seu ex-chefe da Casa Militar; o chefe do Estado Maior do Exército, general Benedito Onofre Bezerra Leonel; e o ministro-chefe da Secretaria de Administração Federal, general da reserva Romildo Canhin. No dia 5 de junho, Sarney participou com 60 políticos e empresários de um jantar em homenagem ao general

Bayma Denis, na casa do senador Álvaro Pacheco (PFL-PI), no bairro do Joá, zona sul do Rio de Janeiro. O jornal O Estado de S. Paulo noticiou o acontecimento dizendo que durante o jantar "pode ter (sido) selada (...) uma aliança para enfrentar o PT na eleição de 1994". O dono da Rede Globo de Televisão, Roberto Marinho, participou da homenagem. No dia 20 de junho, o jornal O Globo publicou um longo artigo de Sarney, intitulado "Tem fumaça, tem fogo", em que ele tece considerações sobre a Amazônia e a soberania nacional. Recorde-se que foi o general Bayma Denis, durante o governo Sarney, quem concedeu o projeto de militarização das fron-

teiras do norte do país, o "Projeto Calha Norte". Uma fonte ligada a uma corrente de militares nacionalistas afirmou ao Brasil Agora que o artigo de Sarney é apenas uma manobra para angariar simpatia entre as Forças Armadas. E que, além de se preparar para as eleições de 1994, o esquema Sarney poderia ser deflagrado antes, na hipótese do governo Itamar entrar em parafuso e não chegar até o fim. Neste caso, como se sabe, é o Congresso que deve eleger o substituto de Itamar, para completar o mandato. Um homem desse esquema, contando com o apoio dos militares, seria um forte candidato.

A.C.Q.

PRIVATIZAÇÕES ESCANDALOSAS

O CAPÍTULO ULTRAFÉRTIL

O velho Lula das assembleias de Vila Euclides ressurgiu no último dia 18, na unidade da Ultrafertil em Araucária (PR), ocupada por seus trabalhadores em protesto contra a privatização. "Eu não poderia deixar de vir e me solidarizar. Não podemos continuar a entregar setores fundamentais da economia nacional para os grandes grupos econômicos. Não tem sentido falar em combate à fome quando se privatiza um setor fundamental como o de fertilizantes, essencial para garantir a produção de alimentos", disse ele, e foi carregado nos braços de centenas de funcionários.

"Nós não vamos desocupar até que a privatização seja revista. Se a polícia ou o Exército entrarem, nós saímos, e quando eles saírem nós voltamos a ocupar", advertia o presidente do Sindicato dos Químicos, Edson Stein. Iniciada dia 24, véspera do leilão da empresa, a ocupação da Ultrafertil-Araucária era, até o fechamento desta edição, o protesto que os trabalhadores brasileiros tinham conseguido articular contra a entrega a particulares, após um processo repleto de irregularidades e suspeitas de favorecimento, da maior e mais importante fábrica brasileira de fertilizantes.

MARACUTAIAS EM SÉRIE.

Menos de quatro minutos foram necessários para que a empresa fosse vendida pelo lance mínimo de 199,3 milhões de dólares. Por trás desse valor escondia-se o primeiro sinal de favorecimento (80% pagos em moedas podres). A Petrofertil, controladora da Ultrafertil, denunciou durante vários meses que segundo seus cálculos, e ainda que se adotassem os critérios estabelecidos no Programa Nacional de Desestatização, a Ultrafertil valia ao menos o dobro.

As vésperas do leilão, o senador Amir Lando (PMDB-RO), relator da CPI das Privatizações, acrescentou: a empresa de consultoria Trevisan e Associados, que propôs o preço mínimo, era suspeita, pois trabalhava para duas companhias privadas que se preparavam para adquirir, organizadas num cartel, a estatal. Estava certamente prestando um favor a seus clientes. Ainda assim, o presidente Itamar Franco não suspendeu a venda.

Entregue a Ultrafertil, desfaz-se o segundo tripé do setor estatal de fertilizantes, montado na década de 70 às custas de pesados investimentos, porque a iniciativa privada jamais se interessou pelo ramo. Avança, ao mesmo tempo, a "privatização branca" da Petrobrás.

No mundo inteiro, as empresas petrolíferas procuram estender cada vez mais seus tentáculos na indústria petroquímica e de fertilizantes, de onde retiram a quase totalidade de seus lucros. A política de desestatização amputa de nossa estatal petrolífera precisamente suas ações nestes setores, e a condena a restringir-se à exploração e ao refino de óleo, onde a lucratividade se aproxima de zero.

A.M.



O líder Roberto Freire assiste vitória do reajuste mensal dos salários no Congresso

pis, conforme informou o secretário de Orçamento Federal, Aurélio Nonô Valença, os ministérios da Saúde e do Bem-Estar Social serão os mais atingidos pelos cortes, com uma redução de até 43% nos investimentos e transferências financeiras. Não vamos equilibrar as contas públicas deixando de construir postos de saúde, pontes sobre córregos e escolas, evidentemente. Os porta-vozes do Ministério da Fazenda prevêem um déficit orçamentário no final do ano de pelo menos 12 bilhões de dólares, mesmo se o Plano FHC e a arrecadação do IPMF funcionarem. A revista Veja culpa "os tubarões que enchem as contas públicas com penduricalhos como pontes e

metrôs". No entanto, a própria revista informa que o déficit pode chegar até os 20 bilhões de dólares, mas por causa dos juros da dívida interna, conforme disse o secretário da Receita, Osiris Filho, a um parlamentar.

"GASTANÇA". Está mais do que evidente, portanto, que os principais "ralos da República", por onde passa o grosso da gastança pública, não estão no Congresso Nacional, mas sim no próprio Tesouro Nacional e no Banco Central, que garantem a remuneração acima da inflação aos títulos públicos em poder dos que têm dinheiro e os juros da dívida externa.

A propósito, naquela semana, o ministro Fernando

Henrique teve um motivo a mais para respirar aliviado, depois de evitar, através de uma batalha diplomática travada no eixo Washington-Paris, que o Clube de Paris rompesse o acordo da dívida que o Brasil tem com os credores governamentais. Nesta área, tudo continua como já havia sido acertado desde o governo Collor. De quebra, o Brasil, cujo PIB deverá crescer este ano, apesar dos pesares, será um exportador líquido de capitais neste ano e no ano que vem, de acordo com projeções feitas por JP Morgan, informou a Gazeta Mercantil de 28 de junho. A diferença entre os capitais estrangeiros investidos aqui e os que são remetidos para o exterior será negativa em 2,5 bilhões

de dólares em 1993 e 500 milhões de dólares em 1994.

Quando este jornal sair às bancas, o governo já deverá ter encontrado uma solução para a questão do reajuste mensal dos salários, aprovado na Câmara e remetido para o Senado. A equipe econômica não aceita o projeto sob a alegação de que não há dinheiro para pagar os encargos da Previdência para os aposentados e os funcionários públicos.

Uma das saídas admitidas pelo ministro Fernando Henrique Cardoso era a criação de um gatilho ou de um redutor, para que os reajustes não compensem a inflação plena do mês anterior. Os senadores, embora dispostos a negociar, não estavam muito propensos a ceder muito. Afinal de contas, é muito difícil explicar para os eleitores que os únicos preços não indexados na economia brasileira são os salários. Aliás, não indexados oficialmente. Na prática, inúmeras empresas já pagam os salários repassando os índices da inflação, política que vigorava oficialmente durante o governo Sarney.

ANTÔNIO CARLOS QUEIROZ
de Brasília



MISTÉRIO. A aprovação do projeto de lei da Comissão do Trabalho, que estabelece o reajuste mensal de salários, contém mistérios. Ninguém esperava 384 votos a favor. Roberto Freire, líder do governo, apostou nos poderes das festas de São João para esvaziar o plenário. Quando percebeu o fracasso de sua tática, aderiu. Votou a favor de um projeto combatido pelo governo que ele representa. Isto não significa que Roberto Freire e o governo tenham se comovido com a situação dos trabalhadores. Significa apenas que a tática do governo agora é bloquear o projeto no Senado. Se isso não for possível, restará o veto presidencial.

JEJUM. Cumprindo acordo feito com lideranças conservadoras, o deputado Inocêncio de Oliveira está adiando o envio do Projeto do Rito Sumário, que prevê a desapropriação de terras para fins de reforma agrária, à sanção presidencial. Tal procedimento é anti-regimental. O presidente da Câmara tem um prazo de dez sessões, a contar do dia da aprovação, para enviar este projeto à apreciação do presidente da República. Os deputados do núcleo agrário do PT, com o apoio da liderança, decidiram que, se até o dia 29 de junho, terça-feira, Inocêncio de Oliveira não enviar o projeto à sanção presidencial, eles começarão a fazer um jejum dentro do plenário da Câmara dos Deputados.

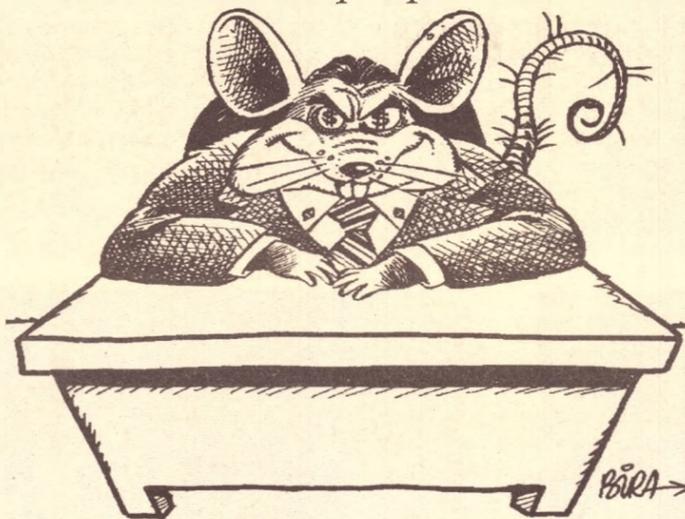
PRERROGATIVAS. Certamente embaraçado, porque a privatização da Ultrafertil é um escândalo evidente, o presidente Itamar Franco anunciou, dia 23 último, a intenção de editar uma Medida Provisória, estabelecendo que o Senado poderá participar da avaliação das estatais em processo de privatização. Isto mostra que o presidente teve um acesso de generosidade. Ele vai devolver ao Senado uma prerrogativa à qual o Senado e a Câmara renunciaram. Esta renúncia vergonhosa ocorreu quando o Congresso Nacional aprovou a lei nº 8.031, do Programa Nacional de Desestatização. Através desta lei inconstitucional, o Legislativo renunciou a seu dever de decidir sobre todos os casos de alienação dos bens da União. Dir-se-ia que Itamar Franco não quer dilapidar sozinho o patrimônio público. Quer a companhia dos senadores.

GOLPISMO. O deputado-capitão Jair Bolsonaro (PPR-RJ) está se transformando em unanimidade. Suas últimas agressões ao Poder Legislativo têm merecido o repúdio de todos, até do PPR, seu partido. Após seu pronunciamento - uma crítica gaguejante, porém enérgica, ao Legislativo -, o deputado Inocêncio de Oliveira acionou a Corregedoria da Câmara para punir Bolsonaro. Há dúvidas sobre o procedimento a ser adotado. Muitos deputados querem uma punição exemplar, a cassação, por exemplo. O deputado José Genoíno (PT-SP) fez pronunciamento chamando a atenção para o risco que seria transformar Bolsonaro em vítima. É certo que o capitão-deputado tem uma cabeça fascista. Mas não é certo que, neste momento, ele represente uma fração significativa das Forças Armadas. Muitos acreditam que ele entrou na política apenas para se arrumar, o que lhe tiraria autonomia para vôos mais ambiciosos.

ONDAS. O deputado Tilden Santiago (PT-MG) apresentou projeto de lei que proíbe a participação, como sócios ou cotistas, de empresas que explorem canais de rádio e televisão, das autoridades (e seus parentes em até terceiro grau) com poder de decisão, sobre os respectivos processos de concessão daqueles canais. Muitos deputados são "donos" de canais de rádio e TV. Tilden Santiago lembra, em sua justificativa, ter sido esta uma das principais recomendações contidas no relatório final da CPI que investigou a cessão do controle acionário da NEC do Brasil. Tilden quer a democratização das ondas.

Petistas fazem crítica dura a FHC

Resolução aprovada afirma que "a montanha Fernando Henrique pariu um rato"



O Diretório Nacional do PT, eleito pelo 8º Encontro Nacional, realizou nos dias 26 e 27 de junho sua primeira reunião, escolheu a nova Comissão Executiva Nacional (ver box) e aprovou uma moção sobre a Crise na Saúde, outra moção sobre o PT na campanha contra a fome e uma resolução sobre a conjuntura, cujos principais trechos citamos a seguir.

◆ Todo o brilho intelectual do novo ministro da Economia e de sua formidável equipe foi colocado a serviço de dizer à nação que são intocáveis os 62% do Orçamento da União que correspondem aos encargos financeiros e impõem o pagamento de juros, internos e externos, num montante igual a 4% do PIB, ou toda a folha salarial do setor público. Graças a isso, mais uma vez uma missão do FMI será recebida em julho por um governo subserviente, que aceita remeter o peso do necessário ajuste fiscal ao custeio e ao investimento, já terrivelmente comprimidos nos últimos treze anos. Anunciado pela mídia como um portento, a montanha Fernando Henrique Cardoso pariu um rato. Nada do que propôs inova em relação ao que até aqui se fez.

◆ A essa constatação soma-se agora a resistência ao ajuste mensal de salários. O senador Fernando Henrique votou a favor dessa medida quando a inflação estava na casa dos 9% ao mês. O ministro Fernando Henrique é contra, com a inflação mensal a 30%. Toma idosos e doentes como reféns e afirma que, com a mudança, a Previdência teria uma despesa extra de US\$ 1 bilhão neste ano, quantia semelhante ao repasse previsto pelo governo aos usineiros da cana no mesmo período.

◆ Analisando esse quadro, o Diretório Nacional do PT reafirma o completo engajamento do partido nas lutas contra o programa de privatizações, pelo reajuste mensal de salários e pela recomposição do sistema nacional de saúde pública. Considera o movimento contra a fome como uma iniciativa oportuna e importante, dotada de alto significado em termos de sensibilização e mobilização da sociedade e merecedora do apoio do partido, que em nenhum momento dissociará ações concretas de solidariedade e propostas gerais para

um combate estrutural à pobreza.

◆ Em paralelo à mobilização do partido para as lutas de hoje, será acelerada a elaboração do nosso programa de governo, de forma amplamente participativa e mobilizadora de bases partidárias e dos nossos aliados. Os elementos centrais, já os temos: a ênfase na constituição de um poderoso mercado interno de massas; na alteração das prioridades para os gastos públicos, com recomposição dos serviços essenciais; na democratização do aparelho de Estado em todos os níveis (inclusive do setor produtivo estatal); na realização da reforma agrária; no combate ao capital financeiro e ao latifúndio; no corte dos nós górdios das dívidas interna e externa.

◆ O diretório reconhece a necessidade de tornar mais orgânica a ação do partido, integrando em iniciativas comuns e em políticas coerentes a própria direção, as administrações municipais, as bancadas parlamentares, os sindicalistas, a imprensa partidária e todas as demais instâncias. Para enfrentar este problema, o diretório promoverá imediatamente e ao longo do segundo semestre:

- o apoio de todo o partido ao movimento contra a fome, já citado;
- um encontro nacional de prefeitos do PT para integrar ainda mais as ações locais à orientação nacional do partido.
- a participação, em nível nacional, nos eventos programados pela CUT, a Contag e o MST para o Dia Nacional dos Trabalhadores Rurais, em 25 de julho, bem como outras formas de pressão para que seja enviado à sanção presidencial - e sancionado - o projeto que autoriza o rito sumário nas desapropriações para fins de reforma agrária;
- um encontro nacional de sindicalistas do PT, tal como foi definido pelo 8º Encontro, em Brasília;
- o apoio do partido à formação da Central de Movimentos Populares;
- o apoio às manifestações contra o programa de privatizações, associando-as a uma proposta de moralização e democratização da gestão das empresas estatais;
- a oposição à reforma constitucional sem a eleição de um Congresso legitimado para este fim, o que exigirá atuação conjunta com outros partidos e entidades da sociedade civil.

NOVA EXECUTIVA DO PT

O Diretório Nacional escolheu a seguinte Comissão Executiva Nacional: Luís Inácio Lula da Silva (presidente, eleito diretamente pelo 8º Encontro); Rui Falcão (1º vice-presidente); Aloísio Mercadante (2º vice-presidente); Luís Eduardo Greenhalgh (3º vice-presidente); Gilberto Carvalho (Secretário-geral); Maria do Carmo Godinho Delgado (Organização); José Luis Feveteiro (adjunto-Secretaria de Organização); Lauro Marcondes (Finanças); João Machado (Formação Política); Hamilton Pereira (Agricultura); Luci Choinaski (adjunta da

Secretaria Agrária); Telma de Souza (Assuntos Institucionais); Marco Aurélio Garcia (Relações Internacionais); Augusto de Franco (Secretaria de Meio-ambiente); Wladimir Palmeira (líder da bancada na Câmara dos Deputados); Eduardo Suplicy (líder da bancada no Senado). Integram a executiva, também: Clara Ant, Lúcia Carvalho e Vera Gomes. Falta definir, ainda, quem será o titular da Secretaria de Comunicação, a ser escolhido entre Jorge Almeida e Markus Sokol. A chapa Na Luta PT deve, ainda, indicar mais uma integrante para a executiva.

O ESPAÇO POPULAR: DA TEORIA À AÇÃO



EXPROPRIAÇÃO E VIOLÊNCIA
A QUESTÃO POLÍTICA NO CAMPO
JOSÉ DE SOUZA MARTINS

Neste livro é explicitada a necessidade de se distinguir teoricamente a situação da classe operária e a do trabalhador rural. Questiona-se aí a prioridade das diferenças políticas de cada uma dessas classes diante das articulações capitalistas exercidas sobre elas. O estudo ressalta que tanto o lavrador quanto o operário são antagonizados e violentados pelo capital, porém de formas diferentes: "As lutas, projetos e esperanças dos trabalhadores do campo e da cidade não podem ter uma unidade simplesmente social, como se todos vivessem nas mesmas condições históricas e percebessem do mesmo modo os problemas da sociedade e sua solução. São socialmente diferentes e vêm de modos diferentes a sua libertação e a sua liberdade".

Formato: 14 x 21, 190 págs, 3ª edição (ISBN: 85.271.0159-9).



MÁRIO TOMMASINI
VIDA E FEITOS DE UM
DEMOCRATA RADICAL
FRANCA ONGARO BASAGLIA

A força da solidariedade e a efetivação de uma prática democrática estão bem evidenciadas neste livro que retrata a enriquecedora experiência de Mário Tommasini com sua ampla visão em instituições do setor público: hospitais, asilos e cárceres. Nesta obra, questiona-se o modo de administrar, apresentando soluções possíveis com a participação coletiva e popular. Como é salientado em prefácio por David Capistrano da Costa Filho e Aldaiza Sposati, trata-se de uma obra a propor prioritariamente que: "Administrar é antes de mais nada procurar agregar pessoas, procurar animá-las, estimulá-las para que, através de sua luta, promovam mudanças na cidade, no estado, no país (...)".

Formato: 14 x 21, 144 págs, 1ª edição (ISBN: 85.271.00214-5).

PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS



EDITORA HUCITEC
RUA GIL EANES, 713
SÃO PAULO - SP CEP 04601-042

À VENDA NAS LIVRARIAS, OU
DIRETAMENTE NA EDITORA.
FONES: (011) 543-0653,
530-9208 FAX: (011) 535-4187

"Eles exercem mais as suas liberdades. Ao mesmo tempo que se engajam nas lutas ecológicas são a favor da pena de morte. São contraditórios e, por isto, mais interessantes." É o que pensa Serginho Groisman, apresentador do Programa Livre, do SBT. A utopia do jovem de hoje, diz ele, é o vencer individual.

A jornalista Bia Abramo, editora do Suplemento Folhateen, da Folha de S.Paulo, explica: "A juventude atual tem acesso rápido a mais e variadas informações, faz um mix cultural e não tem pudor para reunir diferentes referenciais ideológicos". E descreve: "Ela pratica esportes, cuida da saúde e define rumos para a sua vida de uma maneira muito pessoal. Até mesmo os filhos da geração de 68 perderam o pudor anti-consumista".

Mas a professora Maria Tereza Arbage, com saudades da sua própria juventude, em 1968 na cidade de Itapetininga, no interior paulista, acha que o jovem atual não tem utopias, é conservador e individualista e, com raras exceções, não tem uma visão coletiva. Um grupo de jornalistas, saudosos de 68, dizia que a atual juventude não é de esquerda nem de direita, não tem caminhos, esperanças ou expectativas.

PERGUNTA. Já não se fazem mais jovens como antigamente? A juventude mudou?

Serginho Groisman diz que a juventude atual é igual a todas que a antecederam. O que mudou, segundo Bia Abramo, foram as circunstâncias sociais e políticas. "Os jovens de hoje são mais circunspectos, responsáveis e introvertidos, mais preocupados consigo mesmos e com a saúde." Em sua opinião, não existem políticas, de esquerda, ideologia ou contracultura capazes de aglutiná-los.

É que, como diz a própria Maria Tereza, saudosa de 68, "o mundo mudou e os jovens são um reflexo". Mesmo em nível internacional, lembra ela, faltam perspectivas e estão ocorrendo guerras xenóforas. Segundo Bia Abramo, a queda do muro de Berlim e a expansão das fronteiras diversificaram alternativas. "Não existem parâmetros rígidos, o mundo está mais confuso, múltiplo e sem referências claras em relação ao socialismo." Até mesmo os discos e filmes, que demoravam dois ou três anos para chegar ao Brasil, são lançados ao mesmo tempo que os mercados internacionais.

Já a coordenadora pedagógica da escola Logus, em Pinheiros, e da escola Nova Piratininga, ambas de São Paulo, Ana Lúcia Lopes, aponta para a globalização da sociedade como um dos fatos que, ajudou a matar as utopias coletivas. É que "o outro, o diferente, começou a não existir, dando lugar para projetos individuais e construção da felicidade individual". Este fato, raciocina, valorizou a priorização do tratamento e cuidados com o corpo, o que se vincula ao fortalecimento das lutas em defesa da ecologia. Para Bia Abramo, a juventude é mais pragmática e prioriza: a profissão, formação e organização da



MATIJI MAYEZO/FOLHA IMAGEM

* EU NÃO SEI FAZER MÚSICA

MAS EU FAÇO

PENSE JOVEM

Na véspera do 42º Congresso da UNE, em Goiânia, de 30 de junho a 4 de julho, professores e comunicadores refletem sobre a juventude e o movimento estudantil. Eles tentam entender sua mudança de comportamento.

vida. "O jovem vai à universidade para ter uma profissão, e não para mudar o mundo", diz.

LÍDERES DISTANTES. Já a professora da PUC e dirigente nacional do PT, Clara Ant, pensa a desmobilização do movimento estudantil como um problema das próprias vanguardas deste movimento. "Eles não dialogam com o estudantado mas com seus fantasmas, as lideranças de 1905", ironiza.

A socióloga Helena Abramo, que no ano passado defendeu a tese "Grupos Juvenis dos anos 80 - um estilo de atuação social", é contrária à comparação da juventude nes-

tes dois períodos. "Todos batem nesta mesma tecla. Mas a juventude não é algo que muda de década para década; é uma categoria social construída de acordo com o momento histórico", diz. E mais: "Os valores mudaram. A conjuntura, a formação, a vivência e o modo de receber as informações são diferentes.

JUVENTUDE INVISÍVEL. Segundo ela, existem vários grupos juvenis. "A juventude tem uma vivência diversificada", afirma. Falar dos jovens nos anos 60 é referir-se a um determinado grupo estudantil, de uma classe social. Nisto, aliás, as opiniões da socióloga e de Serginho Groisman - que considera a idéia que temos de juventude no Brasil "elitista"

- se encontram. Para ela, então, existem várias juventudes, sendo que seus setores populares ficaram "invisíveis na década de 60". Para o comunicador do SBT, "quando falo em juventude refiro-me ao jovem da Detenção, da Febem, do Nordeste. Este jovem é a real juventude brasileira", arre-mata.

Aliás, em sua tese, Helena Abramo conta que esta juventude "invisível" começou a ganhar evidência nos anos 80, especialmente através das áreas culturais. "Há os bailes funks, soul, os breaker's e rapper's, os punks e até mesmo os grupos neonazistas." A emergência desta juventude, em sua opinião, ocorreu por dois motivos: "Com o fim da ditadura e redução do controle das idéias - aumento das liberdades - a universidade deixou de ser um centro privilegiado para a expressão dos desejos, deslocados para o espaço cultural. A crise econômica e a ampliação das alternativas de consumo, por outro lado, alargaram as faixas que passaram a vivenciar a juventude".

A aparente inatividade política do jovem de hoje, decorre, segundo a maioria dos entrevistados, de políticas dos partidos, sindicatos ou órgãos para direcioná-los. Mas, lembra Serginho Groisman: "A juventude foi para as ruas contra o regime militar anos atrás e foi recentemente contra Collor de Mello". E irá novamente, se houver uma palavra de ordem que responda a suas necessidades pessoais.

HAMILTON CARDOSO

A MÍDIA DA JUVENTUDE DOURADA

Folhateen, Cola, Fanzine, Radical Chic, Programa Livre, MTV, Bizz, Capricho, Querida e Ação Games. Chovem nas bancas publicações para jovens e o filão adolescente movimenta balões de dólares em programas de TV. Alguns vingam, outros nem tanto. E tudo é dirigido ao teen, aquele espécime entre 13 e 19 anos que tem grana (pouca ou muita) para consumir. Flexível, neste conceito, só a idade. O teen pode ter, às vezes, uns vinte, trinta anos.

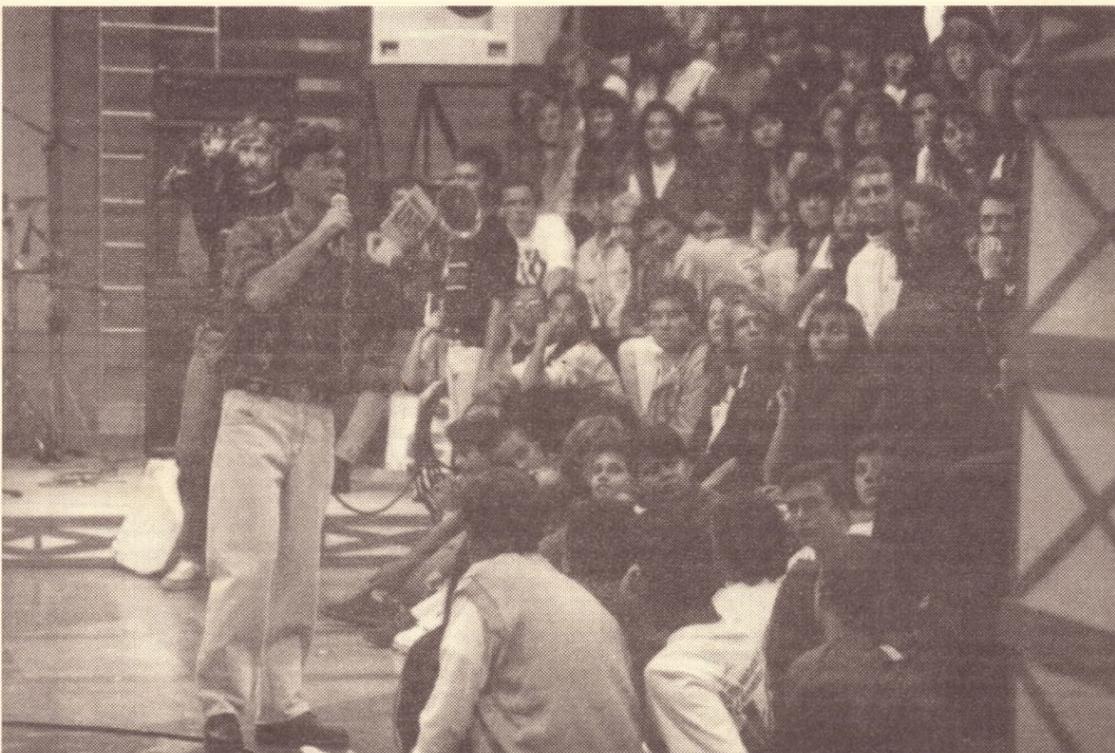
Falar só ao adolescente que tem grana, o teen, não é o problema. Pelas leis de mercado nem poderia ser diferente. O problema é falar ao teen com a pretensão de falar a todos adolescentes. Como se adolescente fosse uma tribo muito bem definida, que gosta das mesmas coisas, sempre urbanas, tem o mesmo nível de vida e os mesmos objetivos. Fora isso, essa pretensão da mídia, a imprensa acertou um pouco na linguagem do teen, mas perdeu na densidade. Parece solução anticôlera: uma gota de informação para um litro de blábláblá.

Não, não se pode negar que o Folhateen vive cutucando problemas sociais. Até publicou uma matéria de prostituição infantil. Mas na capa da Folha, a chamada traía a boa vontade do caderno adolescente: "Veja a vida da jovem prostituta". E a coisa é mais ou menos assim, tudo pode ser visto e discutido, desde que seja da janela do quarto, da janela do carro, da janela do carro do papai. Folhateen ainda ganha das edições da grande imprensa dedicada ao público jovem. O Fanzine, encarte do Jornal do Brasil, é bem bonitinho, mas um pouco ordinário. O Cola tem uma carranca de Estadão à moda antiga. De jornal para vestibulando, virou jornal para adolescente, mas continua pesado, com cara de sabatina. A idéia do encarte é péssima, porque exclui o adolescente da leitura (ou folheada) do jornal todo. Parece estadinho, que o moleque tira do jornal do pai sem precisar abri-lo.

Na telinha, a MTV arrasa. Cor e velocidade, tudo ao mesmo tempo agora, nervosismo. Para esses tempos em que o zap comanda o controle remoto, é perfeito. E vida longa ao Sérgio Groisman, do Programa Livre e muito legal. O Fanzine do Marcelo Rubens Paiva tem uma cara de adolescente, embora seja um pouco chato e a gente se pergunte: adolescente tem saco para assistir tudo isso? O Marcelo não é teen, mas engana bem. Guarda da adolescência o jeito displicente e arrogante, o que agrada o teenager.

Já a Globo, dança. O Radical Chic não tem nada de radical, nem de chique. Segundo um adolescente, parece o Passa ou Repasa do Gugu. Está todo mundo errado: a própria Radical Chic, do Miguel Paiva, perfeita a Andréa Beltrão, não cabe naquele show todo ensaiado que a Maria Paula comanda muito mal. Também, o que uma balzaca iria fazer num programa aborrecente? Só o Boni é que sabe.

TATIANA FARAH



JUAN ESTEVES/FOLHA IMAGEM

Groisman: visão otimista sobre o papel do jovem

O refeitório estudantil da USP, nas cercanias do legendário Crusp, já está vazio às oito da noite desta quinta-feira, 24 de junho. Os cartazes afixados nas paredes do guichê que vende tiquetes e os murais internos do restaurante continuam a funcionar, porém, como termômetros da consciência estudantil. E através deles, nas longas filas do ban-deirão, que milhares de estudantes informam-se todos os dias do que *rola* na universidade, além de aulas e provas. Festas na Enfermagem, na Educação Física, no Centro Esportivo e na Geografia e História, chamam os murais. Excursões para São Tomé das Letras, Chapada Diamantina, Chapada dos Guimarães e Pantanal, convidam. Vendem mel puro, *bike* de doze marchas, sensacional promoção de tênis e sapatos, perfumes da Natura e iogurtes da Sul Mineira. Convocam para o apoio à luta do povo palestino e à formação do Comitê de Estudantes Latino-Americanos da USP. Um deles apenas, no entanto, defende *Diretas para Reitor*, a próxima campanha do DCE. Por mais que se procure não se encontra *nenhum* nem da situação, nem da oposição - que fale do 42º Congresso da UNE, que ocorrerá entre 30/6 e 4/7, em Goiânia. Para muitos universitários, ele existirá apenas nas páginas dos jornais - se tanto. Nem tudo são espinhos. É inegável, reconhecem os próprios conservadores, que a entidade cresceu muito em representatividade desde o Congresso de 1992, que lançou a UNE na campanha pelo *impeachment* de Collor, abriu terreno para o surgimento dos *caras-pintados* e tornou possível fazer de Lindbergh Farias uma figura de expressão na vida política nacional. Cerca de 3.200 delegados de todo o país são esperados em Goiânia, contra pouco mais de 2.500 no ano passado. Uma pesquisa realizada no final de junho pelo Instituto Datafolha revelou que cerca de metade dos estudantes é capaz de declinar o nome do presidente da UNE - um índice três vezes superior ao de antes da campanha contra Collor, e que é raramente alcançado pelos dirigentes sindicais junto a suas bases.

A história do movimento estudantil, como a da própria UNE, sempre foi de altos e baixos, de diferentes visões do mundo, do papel dos estudantes e da forma de agir. Aliás, a história do movimento precede em muito a da UNE. Para quem pensa que o movimento estudantil começou em 1968, morreu e ressuscitou no "Fora Collor" de 1992, basta lembrar que a Inconfidência Mineira teve influência das ideias de independência de Thomas Jefferson, através de estudantes inspirados pela independência dos Estados Unidos. E nem existiam cursos universitários no Brasil ainda: eles estudavam em Coimbra, Portugal. No século XIX, com os primeiros cursos universitários funcionando, o tema escravidão mexia com os estudantes, que a condenavam em saraus, declamando poesias, como fazia o baiano Castro Alves, estudante de Direito em São Paulo. Em 1910, realizou-se o primeiro Congresso Nacional de Estudantes, em São Paulo. Em 1932, também em São Paulo, a Revolução Constitucionalista foi deflagrada depois do assassinato de quatro estudantes, numa manifestação na Praça da República, por forças getulistas. E foram formados batalhões de estudantes de ambos os

EU NÃO SEI CANTAR AS MÚSICAS QUE FAÇO MAS EU CANTO

SEM HEGEMONIA. A liderança de Lindbergh não transformou o congresso num conclave exaltatório ou sem polêmicas, o que é outro bom sinal. No dia 27, logo depois de encerrado o credenciamento de delegados, lideranças estudantis do PCdoB e do PT - os dois partidos que polarizam a disputa no interior da UNE - igualavam-se ao reconhecer que a correlação de forças estava indefinida, e que venceria o bloco de forças que conseguisse atrair o maior número de "independentes".

Majoritário na diretoria da UNE por ter vencido o último congresso, o PCdoB lançou com algumas lideranças sem-partido o manifesto "Quem vem com tudo não cansa", em torno do qual foram eleitos nas escolas 1.100 (segundo números do próprio partido) ou 900 delegados (para a oposição). Rovilson Brito, estudante de Jornalismo da Cáspes Lúbero e membro da Comissão Nacional da Juventude do PCdoB, explica que seus companheiros irão procurar apresentar-se em Goiânia como responsáveis pela maior parte dos êxitos obtidos pela UNE no último ano.

"Nesse congresso irão opor-se as forças que participaram das lutas deflagradas pela UNE e as que fazem discursos vagos pela democratização", diz ele. E prossegue: "A oposição defende as diretas na UNE, mas ausentou-se da campanha contra Collor, da luta contra as privatizações, da resistência à lei das patentes e da batalha para frear os reajustes das mensalidades escolares".

Rovilson também crê que o forte bloco de oposição ao setor majoritário da diretoria não será capaz de manter-se unido ao longo de todo o congresso. "Certos setores como o PSTU e a corrente 'O Trabalho'", diz ele, "ainda participaram ativamente das mobilizações estudantis. O núcleo principal das correntes

petistas, no entanto, solapou o trabalho da diretoria. Quando a discussão esquentar, vai ser difícil constituir uma chapa única com forças que tiveram comportamento tão distinto".

MUDANÇAS. Até há poucos meses seria fácil aceitar estas previsões. A partir do Seminário sobre Extensão da UNE, realizado no início deste ano, no entanto, passou a ter expressão pública o MUDE - Movimento por uma UNE Democrática - uma frente que reúne as diversas correntes petistas, o PSTU e lideranças sem-partido.

Darlan Montenegro, estudante de História da USP, membro da Comissão Nacional de Juventude do PT e um dos articuladores do MUDE, explica que a constituição do bloco permitiu precisamente somar as reivindicações do setor minoritário da diretoria da UNE, que discordava dos rumos dados a certas campanhas da entidade, com lideranças que reivindicavam a democratização.

O MUDE - que elegeu cerca de 1.100 delegados, segundo seus próprios cálculos, ou 1.000, para o PCdoB - defenderá duas teses essenciais no 42º Congresso. Quer em primeiro lugar que as eleições para a nova diretoria da entidade sejam feitas não em Goiânia, mas num pleito direto, entre todos os universitários do país, a ser realizado dentro de alguns meses. Aponta a mudança no método de eleição como o primeiro passo para o que chama de democratização da UNE.

A oposição está unida, em segundo lugar, contra a relutância do setor majoritário da atual diretoria em assumir a oposição ao governo Itamar. "Após as grandes passeatas de 4 de maio, o movimento contra os aumen-

lados, os constitucionalistas e os contrários a eles.

SURGE A UNE. A UNE foi fundada em 1937, para lutar contra a ditadura getulista e contra o fascismo que se expandia pelo mundo. A entidade só foi legalizada em 1942, e suas manifestações foram importantes para forçar a entrada do Brasil na guerra contra o fascismo e o nazismo.

Aí, pela primeira vez, a direita ganhou força na entidade: em 1945, quem ganhou a eleição foi a UDN - União Democrática Nacional, um partido fundado pelos liberais e intelectuais de esquerda que logo descambou de vez para a direita (mais tarde, em 1964, a UDN articulou o golpe militar). Mas em seguida os socialistas voltam ao poder na entidade e promovem campanhas gloriosas, contra a desnationalização do país e em defesa do monopólio estatal do petróleo, entre outras. Ironia do destino: quem recuperou a UNE para os socialistas foi Roberto Gusmão, que acabaria sendo, nos tempos da ditadura de 1964, membro do secretariado do governo Paulo Egidio em São Paulo (Paulo Egidio foi um dos principais líderes da extrema-direita do movimento estudantil nesta fase).

Quem sucedeu Gusmão foi outro socialista, Rogê Ferreira, que

morreu recentemente, com um fim de carreira lamentável, ocupando cargos secundários no governo, em troca de apoio a Quéricia. Deve-se registrar que foi nesse período de pós-guerra que a universidade deixava de ser restrita à aristocracia e a uma certa burguesia, passando a ter também estudantes de classe média, o que teve influência muito grande nos rumos que tomou o movimento estudantil.

ANOS DE LUTA. A direita voltaria à UNE em 1951 e ficaria com a direção da entidade até 1955, quando perdeu para democratas e nacionalistas de esquerda. Em 1961, nessa fase, de grande atuação, ela apoiava o governo João Goulart, com suas propostas de "reformas de base" (como a reforma agrária, por exemplo), agitada, e foi violentamente reprimida pelo golpe militar de 31 de março. Teve sua sede, na Praia do Flamengo (Rio de Janeiro), incendiada, ficou quase um ano acéfala e tornou-se clandestina. Passou a ser a vanguarda da luta contra a ditadura. Foi se tornando cada vez mais atuante e cada vez mais de esquerda, até 1968, ano

ARQUIVO RETRATO DO BRASIL



CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO

A UNE ALIMENTOU MUITAS UTOPIAS

que começou agitado, com grandes manifestações contra a ditadura e contra o imperialismo norte-americano. Em 28 de março, o secundarista Edson Luís Souto foi assassinado pela polícia, numa manifestação do restaurante estudantil chamado "Calabouço", no Rio.

"Mataram um estudante. Podia ser seu filho." Essa frase correu o Brasil, radicalizou os jovens. Dois grupos gritavam de modo diferente nas passeatas reprimidas sem violência: "O povo organizado derruba a ditadura", era a palavra de ordem do *Partidão*, o PCB, que queria unir-se a setores da burguesia e vencer os militares sem recorrer à luta armada; "O povo armado derruba a ditadura", gritavam as tendências que não viam outra solução a não ser o uso das armas para derrubar a ditadura militar.

Aí veio a guerra da Maria Antônia - rua onde ficava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, reduto da esquerda, e também a Universidade Mackenzie,

reduto da direita paulista. Polícia e CCC (Comando de Caça aos Comunistas) uniram-se e arrasaram o prédio da Faculdade de Filosofia. Depois, o cerco do 30º Congresso da UNE em Ibiúna, a 62 km de São Paulo, com a prisão de 713 estudantes (156 moças e 557 rapazes), o que desestruturou o movimento, pois além de José Dirceu, Wladimir Palmeira e Luís Travassos, principais líderes estudantis (que só saíram da cadeia quase um ano depois, trocados pelo embaixador norte-americano sequestrado por grupos de esquerda), quase todas as lideranças estudantis do Brasil foram para a cadeia. A maioria saiu logo, mas grande parte exilou-se no exterior ou entrou para grupos guerrilheiros.

TEMPOS MORNOS. A UNE enfraqueceu e, em 1974, quando o MDB, partido visto com suspeitas até então, pela oposição real ao regime, ganhou força, ainda continuava tentando reerguer-se, fazia

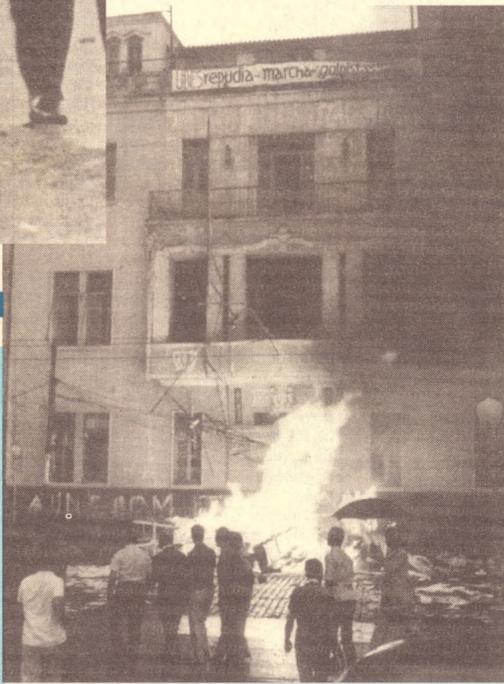


MATUTI MAYEZO/FI

A ONDE VAI O PODER JOVEM?

Envolvidas num duelo pelo controle da entidade, lideranças do PCdoB e do PT podem estar se distanciando das bases.

O tempo em que ser estudante militante era perigoso: embaixo, o prédio da UNE, na Praia do Flamengo, começava a ser incendiado depois do golpe de 64. Ao lado, a violência de uma manifestação estudantil em 68.



ARQUIVO RETRATO DO BRASIL



MOUZAR BENEDITO

EU NÃO TENHO CERTEZA MAS EU ACHO

dos das mensalidades caiu no vazio", comenta Darlan, "essencialmente porque o PCdoB teve medo de que as mobilizações assumissem caráter de enfrentamento ao Palácio do Planalto, cuja política não contesta". Ele conclui, apoiado por Alberto Hanfas, Ernani Moreira e Marcos César, outros dirigentes do MUDE: "Nosso bloco considera esta atitude uma forma de partidização da entidade".

TIROTEIO. Nenhum dirigente petista da UNE, rebate Alberto Hanfas, jamais manifestou-se em qualquer fórum do movimento estudantil contra o *impeachment*. Além disso, pondera Darlan Montenegro, a maior parte da diretoria da UNE despreza a importância da democracia na condução de nossas lutas. "Ao longo de um ano repleto de mo-

bilizações", diz ele, "ela convocou apenas três Conegs (Conselho dos DCEs) e nenhum Coneb (fórum que reúne todos os Centros Acadêmicos). OPCdoB quer gerir a entidade como se a executiva (núcleo central da diretoria) fosse uma espécie de Comitê Central de um partido político".

Composto por duas grandes forças (*Quem vem com tudo não cansa* e *MUDE*), o 42º Congresso da UNE será decidido pelas alianças que elas conseguirem firmar com outras correntes organizadas menos expressivas (*MR-8*, cerca de 250 delegados, *PSDB*, 90); e pelo resultado da disputa que travarão para atrair a bancada de *independentes nacionalmente articulados* (250 integrantes, aproximadamente) e os cerca de 500 delegados que irão à reunião sem qualquer vinculação prévia com grupos. Há, porém, uma questão mais complexa.

O congresso de Goiânia promoverá a retomada das manifestações estudantis? Conseguirá evitar que, esgotada a jornada dos *caras-pintados*, o Movimento Estudantil regresso à paralisação em que esteve mergulhado durante vários anos? Virgínia Canedo, estudante de Ciências Sociais, integra a diretoria do DCE da USP, uma das entidades que ajudaram a organizar o *MUDE*. Mas ela reconhece: nas últimas eleições diretas para o próprio DCE votaram apenas 4.700 estudantes, dos 25 mil que se encontram matriculados na USP. Virgínia, além disso, diz que apenas quem ingressou na universidade antes daquela que estuda há quatro anos - teve oportunidade de participar de alguma assembleia estudantil. "O Movimento Estudantil continua preso a velhas fórmulas. Quando começamos a falar sobre ele, ou sobre política, as pessoas ficam arredias", diz ela.

OPÇÃO PELA ARTE. Certos observadores das lutas estudantis

recentes diriam que tais afirmações comprovam que, a despeito das passeatas, e ao contrário do que ocorria em 1968, o grau de consciência política da juventude *caras-pintada* é muito reduzido. Eles certamente desconhecem histórias como a de Ana Lúcia Marques, outra estudante de Ciências Sociais da USP.

Vinte anos de idade, ex-diretora do Centro Acadêmico de sua escola, ex-militante de organizações de esquerda, Ana Lúcia afastou-se do Movimento Estudantil institucionalizado há cerca de seis meses. Faz questão de dizer que não deixou "nem o socialismo, nem a defesa da revolução". Mas voltou-se em especial para o teatro, inclusive porque sente que "a batalha para que as pessoas criem e deixem aflorar sua sensibilidade" faz mal ao capitalismo.

O grupo teatral que Ana Lúcia ajudou a organizar parte do princípio segundo o qual "todo mundo produz cultura, e tem capacidade de produzir arte". Por isso estabelece contatos, apresenta-se e debate regularmente com diversas associações de bairro e grêmios secundaristas da periferia. Ana Lúcia não se considera uma liderança, e muito menos um "caso raro". "A cada ano o Festival de Teatro Amador da USP reúne um número maior de grupos", diz ela, "e também vão se espalhando as bandas de música e os centros culturais organizados por universitários".

Ana Lúcia não quer retornar ao Centro Acadêmico, e acha que as disputas entre as correntes do Movimento Estudantil são vistas pela maioria de seus colegas como "uma disputa por aparelhos, por uma sala ou um computador". Muitos militantes, conta, questionam frequentemente esta atitude: "Você parou de militar, abandonou a luta?" Ela não irá a Goiânia, mas as lideranças que irão reunir-se lá nada perderiam, se atentassem para a resposta que dá à questão, um sorriso irônico nos lábios: "Na minha opinião, não é verdade. Prático e estou disposta a lutar por um outro tipo de militância. Lamento muito que não entendam".

ANTONIO MARTINS

FALAM OS VELHOS LÍDERES

Eles têm muita coisa em comum. Dois senhores - só falta algum estudante chamá-los de "tios" - que na juventude foram figuras importantíssimas para a criação das condições que possibilitaram a fase de ouro do movimento estudantil que explodiu em 1968. Eles foram presidente da UNE bem depois da velha geração, como Rogê Ferreira e Roberto Gusmão. E um pouco antes dos ultramanjados líderes Vladimir Palmeira, Luís Travassos e Zé Dirceu. Altino Dantas, morando em Santos, onde é primeiro suplente de vereador pelo PT, partido que ajudou a fundar, foi presidente da UNE em 1965-66 e Vinícius Caldeira Brant, um pouco antes, em 1962-63. A gestão de Vinícius concentrou sua luta na questão do "terço": a reivindicação de que os órgãos de direção das universidades tivessem um terço de professores, um de funcionários e um de estudantes. A de Altino foi contra a Lei Suplicy de Lacerda (nome do ministro da Educação do governo Castello Branco, que pôs a UNE e outras entidades estudantis na ilegalidade). Ah!, ambos têm ainda mais coisas em comum: foram presos políticos. Vinícius, de 1971 a 1973, e Altino, de 1971 a 1979. E são "autoridades" em movimento estudantil da época. Tanto que Vinícius se diz "elefante de circo" de movimento estudantil: onde haja qualquer debate sobre isso, ele é chamado para o abre alas.

Como tal, foram ouvidos pelo *Brasil Agora*. E ambos mostraram mais algo em comum: otimismo, em relação aos jovens estudantes de hoje. "Há um ano diziam: jovem só quer ir a shopping center. De repente, duzentos mil jovens ocuparam a avenida Paulista. O mesmo aconteceu com os operários, que eram criticados por não participarem da política. Quando resolveram participar, foi como um raio em céu azul", diz Vinícius, completando: "Temos que confiar nessa juventude. Que tomem suas próprias iniciativas. Não somos nós que temos que dizer o que eles devem fazer".

Altino acredita que a UNE está sendo recuperada, principalmente a partir do movimento pelo *impeachment* de Collor. E não aceita comparações com a UNE que presidiu. "Na minha época, de um universo de 400 mil estudantes, 80% eram mantidos pelos pais. Hoje, o universo é de três ou quatro milhões, a grande maioria mantida por si própria. Então, o estudante de antes tinha mais tempo, hoje tem uma relação maior com o trabalho, tem que se manter. Ele não é mais nem menos revolucionário que o jovem de antes", afirma. Altino acredita que a luta dos estudantes hoje deve ser mesmo por suas reivindicações específicas, como a melhoria da qualidade de ensino e a questão das mensalidades. Ele não critica a atuação dos estudantes, mas faz um alerta: a tentativa de partidização da entidade. "A UNE tem que estar acima dos partidos."

M.B.

ESQUENTA A SUCESSÃO

*Nesta página,
uma seção com notícias
variadas de todo o Brasil.
Nesta edição, as eleições
estaduais de 1994.*

RIO GRANDE DO SUL
Os gaúchos não perdem tempo: postulante único e unitário, Olívio Dutra foi aclamado pelo último Encontro estadual do PT como "virtual" candidato ao governo do estado. Tudo indica que Olívio deve ser apoiado pelo PSB, PCB, PPS e PV.

Na ponta-direita (PFL e PPR) ainda não surgiu uma candidatura. Mas a direita é forte no interior e conta com um PPR bastante organizado: tem núcleos, formação político-partidária e grande inserção na colônia alemã. O atual governador, Alceu Collares (PDT), está tentando construir uma alternativa de centro: Pedro Simon (PMDB) para governador, Zangiagi (PTB) e o próprio Collares para o Senado.

Esta última alternativa, que poderia reunir ainda o PSDB e o PCdoB, enfrenta uma série de problemas para se viabilizar. Em primeiro lugar, há 3 ou 4 pré-candidatos dentro do PDT que resistem à aliança proposta por Collares. Além disso, o PDT está perdendo vários deputados, para a direita ou para a esquerda (Éder Pedroso, deputado federal, deve ir para o PT). O próprio final da gestão Collares está ameaçado: 15 de seus 21 secretários são candidatos a alguma coisa.

No PMDB, além de Simon, há Antonio Brito, ministro da Previdência, e Ibsen Pinheiro, ex-presidente da Câmara, amplamente beneficiados pelos meios de comunicação, inclusive pelo marketing global. E Mendes Ribeiro (deputado federal), que corre por fora para viabilizar sua candidatura ao governo do estado.

Os tucanos gaúchos estão bastante enfraquecidos. Os setores à esquerda perderam espaço para os deputados federais Adroaldo Streck e Jorge Ueque, que empurram o PSDB para uma aliança à direita. Quanto ao PCdoB, sua posição depende da orientação nacional do partido: se depender da direção do estado, não marchará junto com o PT.

SANTA CATARINA

OPT barriga verde marcou para maio de 1994 um encontro estadual para deliberar acerca das eleições daquele ano. A perspectiva é construir uma Frente Popular nos moldes da que foi constituída, em 1990, em Santa Catarina, com

PARA VOCÊ SER UNANIMIDADE NO BRASIL, BASTA SER UM HOMEM DE IDÉIAS E NÃO TER NENHUMA NO MOMENTO.



PSDB, PTS, PCB, PCdoB, PV. Até o momento, há três pré-candidaturas cogitadas no interior do PT: os deputados Milton Mendes de Oliveira e Wilson Santim, e o vice-prefeito de Florianópolis, Afrânio Bopré. O PPS não descarta o lançamento de Sérgio Grando, prefeito de Florianópolis. O PSDB apresenta o nome do ex-senador Jaison Barreto.

Quem também está se movimentando é o senador Nelson Wedekin, que propõe unir o PMDB, o PDT e a esquerda contra a direita, atualmente no comando do governo do estado.

PARANÁ

O quadro eleitoral no estado é polarizado. De um lado, o grupo do atual governador Roberto Requião (PMDB). De outro lado, a "aliança trabalhista" de Jaime Lerner (PDT) e Andrade Vieira (PTB), que pode vir a ser apoiada pelo PSDB, cuja principal expressão é o senador José Richa, A maior parte dos possíveis

aliados do PT está integrada ao governo Requião. Mas, em função da política nacional, tanto o PCdoB quanto o PPS tendem a apoiar o PT. Os nomes que têm sido lembrados para a disputa são: Pedro Tonelli e Edésio Passos (deputados federais) e Luiz Cheida (prefeito de Londrina).

MATO GROSSO DO SUL

As pesquisas indicam, em primeiro lugar, o senador Wilson Barbosa Martins (PMDB). Mas o senador deve enfrentar disputa no seu próprio partido, capitaneada por Juvêncio Góes da Fonseca (prefeito de Campo Grande) ou por João Leite Schmidt (conselheiro do Tribunal de Contas), ambas pré-candidaturas incentivadas pelo atual governador, Pedro Pedrossian (PTB), que defende uma aliança entre o PMDB e PTB e PFL. Já Wilson Barbosa pretende atrair o PSDB para sua candidatura, razão pela qual incentivou a filiação ao PSDB do megalatífundiário Lude Martins Coelho, duas

vezes prefeito de Campo Grande e fornecedor de recursos para a campanha.

O PDT e o PSDB apoiam o governo de Pedrossian. A tendência, portanto, é uma coligação entre PT, PSB, PCdoB e PPS, dos quais só o PT possui bancada na Assembléia Legislativa: o deputado Zeca, cujo nome vem sendo cotado como candidato ao governo.

MINAS GERAIS

O PT aposta na constituição da Frente Minas Popular. Há nomes sendo cogitados, mas nada formalmente, ainda. A novidade é o PSB, que realizou um encontro estadual nos dias 19 e 20 de junho, lançando Célio de Castro, atual vice-prefeito de Belo Horizonte, candidato ao governo do estado, por uma frente em que o PSB pretende reunir o PSDB e o PT, pelo menos.

O mesmo encontro do PSB aprovou uma moção em que critica a administração de Belo Horizonte, alegando: centra-

lismo administrativo (outros partidos não teriam voz ativa) e prioridades às secretarias-meio (Governo, Planejamento) em detrimento das atividades-fim (Saúde, Educação). O PT mineiro, é claro, considera que as reclamações são indevidas, dado que o PSB participa ativamente da administração, inclusive numa de suas prioridades, os meninos de ruas.

ESPÍRITO SANTO

A direita articula o lançamento de Gerson Camata, ex-governador, atualmente do PDC. A esquerda trabalha para unificar setores do PSDB, PDT, PCdoB, PSB e PPS, em torno da candidatura Vitor Buaziz, ex-prefeito de Vitória. Especula-se o lançamento da candidatura Adelson Salvador (PDT), que entraria no PSDB, visando neutralizar a candidatura Buaziz. Albuíno Azeredo (PDT), atual governador, pode vir a apoiar o candidato da direita ou lançar Teodomiro Ferraço (PDT), caso prospere a "aliança trabalhista".

PERNAMBUCO

O desejo do PT é realizar uma aliança com o PSB do deputado Miguel Arraes, que nesse caso disputaria uma vaga no Senado.

AMAZONAS

Fala-se de uma aliança entre Amazonino Mendes (PMDB), atual prefeito de Manaus, e Gilberto Mestrinho (PMDB), atual governador: o primeiro disputaria o governo e o segundo o Senado. A oposição de direita cogita o lançamento de Nonato de Oliveira, um apresentador de TV local, vinculado ao PL, e Bernardo Cabral (o do xixi nas calças), atualmente do PP. Curiosamente, a oposição de direita propõe uma chapa comum com o PT e com o PCdoB.

No PT, há várias alternativas para disputar o governo do estado: Sebastião Nunes (deputado estadual), Marcos Barros (reitor da Universidade do Amazonas) e Aloísio Nogueira (vereador em Manaus). Uma alternativa para o PT seria, também, apoiar o vereador Serafim Correia (PSB). Beth Azize, que em 1990 foi apoiada pelo PT, agora deve disputar a reeleição para a Câmara Federal. Seu partido, o PDT, atualmente está aliado ao prefeito Amazonino.

VALTER POMAR

Um jornal ao lado do povo

BRASIL
AGORA

ASSINE JÁ

LIGUE GRÁTIS

FONE 0800-11.1300



CUT discute Contag

Forma de filiação à Central causa polêmica entre sindicalistas

MEDO PEGA. Até o fechamento desta coluna ainda não estava marcada a data para a votação no Senado do reajuste mensal dos salários. Depois da vitória na Câmara dos Deputados o que se comentava é que os senadores barrariam a proposta com facilidade, segundo a orientação do governo. No entanto, nos últimos dias parece que parte deles está sentindo a mesma coceira que fez muito deputado governista votar a favor na hora H. O medo de ser torrado junto às bases eleitorais é muito grande.

MOBILIZAÇÃO NELES. A direção da CUT, porém sabe que a pressão tem que ser muito mais efetiva. em artigo publicado no último jornal do DIAP, Jair Meneguelli escrevia: "Só com a mobilização popular, nas ruas, pressionando cada deputado a votar favoravelmente ao projeto, haverá condições mais favoráveis. Cobre de seu dirigente, denuncie o deputado que votar contra seus interesses. Tais medidas são urgentes." Jair tem toda razão. Mas, até aqui a "mobilização popular" não está com esta bola toda. Os deputados já aprovaram e os senadores podem até aprovar o reajuste mensal, mas o movimento está aquém das necessidades definidas pela CUT.

O MENSAL DA PREFEITURAS. Em Santos, o prefeito David Capistrano, do PT, tomou a iniciativa de conversar com os servidores no saguão do Paço Municipal sobre a questão salarial. Afirmou que a prefeitura buscará reajustar mensalmente os salários, mas que não pode garantir o reajuste pleno até dezembro deste ano. David deixou claro que isso só é possível com "uma profunda alteração na política econômica do Governo Federal" (D.O. Urgente - 25/6/93). Na mesma reunião o prefeito informou que garantiria alguns benefícios importantes para o funcionalismo.

ELEIÇÃO NOS METALÚRGICOS. A chapa 1, encabeçada pelo atual presidente, Carlos Manoel, venceu o segundo turno das eleições para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, formada por sindicalistas da Articulação, do PDT, do PC, entre outros, a Chapa 1 obteve cerca de 60% dos votos, contra 40% da Chapa 2, da "CUT pela Base". A vitória era esperada, mas os vencedores pensavam que ia ser mais tranqüila.

O PETRÓLEO É NOSSO. Acabou de ser criada a Federação Nacional dos Petroleiros, ligada à CUT. A decisão foi tomada no II Congresso Nacional da categoria que reúne mais de 46 mil trabalhadores espalhados pelo país. A luta contra a privatização da Petrobrás é a principal bandeira da nova entidade, que será presidida por Antônio Carlos Spis, ex-dirigente dos petroleiros de Paulínia e ex-presidente do sindicato de São Paulo. Boa sorte para ele.

A perspectiva de novos tempos no sindicalismo rural, com a liberdade e autonomia sindical e o fim da contribuição obrigatória, está agitando os dirigentes da CUT, CGT e Força Sindical - estas duas ainda sem inserção entre os trabalhadores do campo. As três centrais querem a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), com os seus mais de três mil sindicatos, 22 federações e um número impreciso de trabalhadores sindicalizados - a Contag fala em nove milhões, mas dificilmente é superior a um terço disso.

Nessa disputa, a CUT está muito na frente. Filiou quase 700 sindicatos de trabalhadores rurais, dos três mil da Contag, organizando-os em doze departamentos estaduais e sete federações filiadas, seis delas também filiadas à Contag. Esses sindicatos, departamentos e federações estaduais formam o Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais (DNTR), instância vertical da CUT representante desse ramo.

A atual direção da Contag, eleita em seu 5º Congresso (nov/91), foi formada através de uma composição com a CUT/DNTR, cabendo-lhe, na Executiva, as secretarias Geral e de Política Salarial.

Sabe-se que vários dirigentes da Contag já aceitam a filiação da entidade à CUT, possivelmente com os objetivos de antecipar-se ao resultado da eleição do próximo congresso da Contag, previsto para novembro de 94, e fazer valer o peso político (e eleitoral...) dos rurais, "novos cutistas", no próximo Congresso da CUT, previsto para maio de 94.

Existe, dentro da CUT, muita gente interessada nos rurais - tanto os organizados no DNTR como os da Contag. A explicação para tanto interesse, nesses tempos turbulentos de disputa pelo poder, reside no fato de que eles representariam talvez até 20% dos votos, podendo se transformar nos "fiéis da balança".

Essa somatória de interesses explica a solicitação formal da Executiva da Contag, no final de maio, de informações a respeito do processo de filiação à CUT, e da Executiva desta, de sinalizar favoravelmente em sua reunião no final de junho.

NOSSOS POLÍTICOS. A filiação da Contag à CUT por decisão do seu Conselho Deliberativo, e não em congres-



Apesar da polêmica, filiação da Contag à CUT impulsionará a luta no campo

so, implica em riscos políticos significativos para a CUT, na medida em que poderão filiar-se centenas de sindicatos "por decreto", contrariando a prática de dez anos da central.

Justamente por compreenderem o risco para a central, os rurais da CUT, em seu 2º Congresso, realizado em março deste ano, decidiram indicar à Executiva da CUT que esta só deve aceitar a filiação da Contag caso ela seja feita em congresso. Além disso, ressaltaram que, "no caso de filiação de federações à CUT, a participação de sindicatos não filiados à central só poderá ser aceita enquanto medida transitória. A filiação (de Federações) só poderá ser aprovada com base em um processo que garanta efetivamente junto aos sindicatos a discussão da proposta cutista, visando, o convencimento político da base e da direção (...)"

CONSOLIDAÇÃO. Essa movimentação toda da CUT, do DNTR e da Contag, na questão da filiação, diz respeito à questão mais ampla da estrutura sindical mais adequada às lutas dos anos 90.

A questão central que está em jogo é a consolidação da identidade cutista no campo, processo que requer muita discussão nas bases, convencimento político e alteração radical na prática do sindicalismo "institucional". A rei-

vindicação dos cutistas rurais visa atender essa necessidade de um processo de acompanhamento da prática dos "novos cutistas" e das discussões realizadas em suas bases.

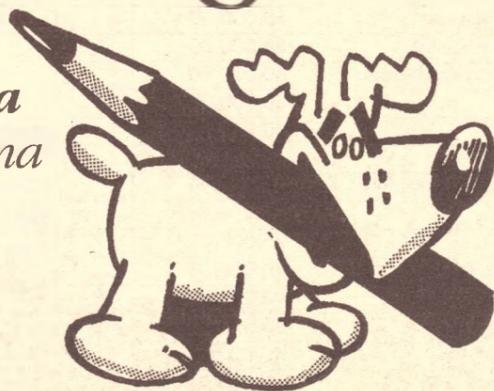
Os próximos dois meses serão decisivos para a solução desse "imbróglio" (apenas mais um, na medida em que todas as categorias representadas na CUT estão passando por situação idêntica, de conflito com a estrutura sindical oficial). As plenárias estaduais e nacional da CUT, em julho e agosto, serão precedidas por plenárias estaduais e nacional do DNTR, estas justamente com o objetivo de "bater o martelo" na questão. Tudo indica que os próximos acontecimentos serão emocionantes.

MILTON POMAR



Assine o Brasil Agora

Assinando o **Brasil Agora** você está construindo uma imprensa democrática e popular, ao lado dos trabalhadores e de suas lutas. Assine já.



PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à **EDITORA BRASIL AGORA LTDA.** Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 222.4326

NOME _____

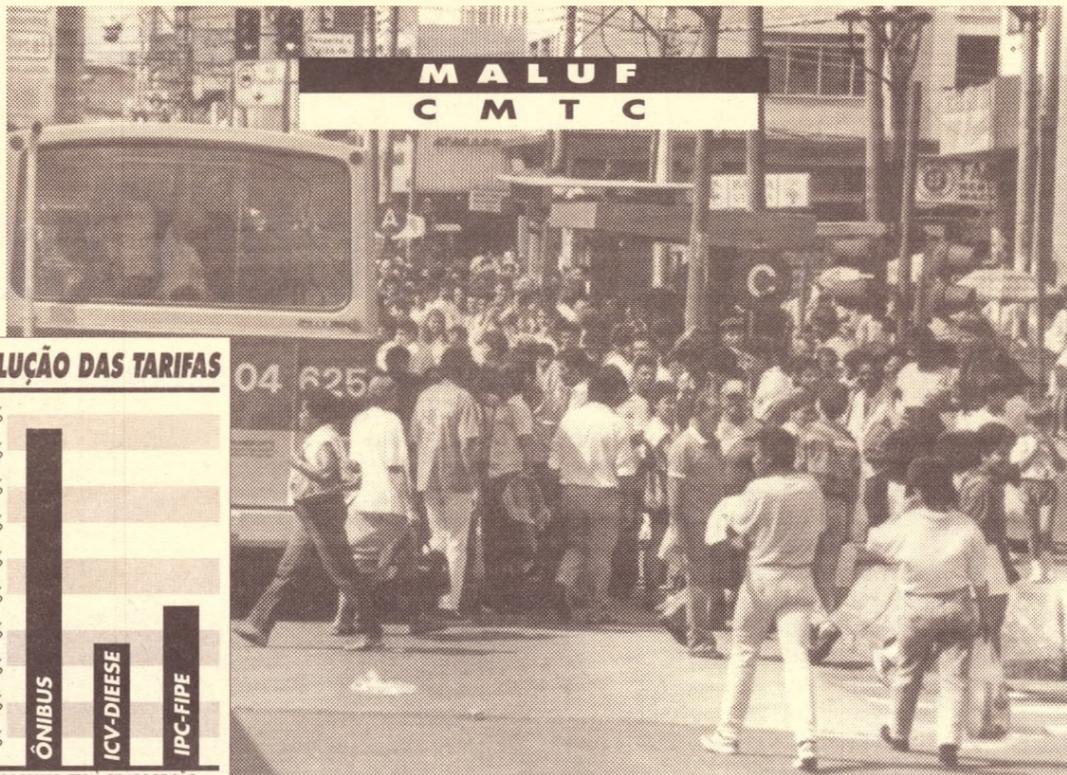
ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 700.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30,00)
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 1.350.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 2.100.000,00



JUVENAL PEREIRA/FOLHA IMAGEM

Em São Paulo, mais um golpe do prefeito Paulo Maluf pode acontecer no dia 3 de agosto. Trata-se da privatização, como ele denomina, da Companhia Municipal de Transportes Coletivos. A longo e a curto prazo a empresa soma uma dívida de 640 milhões de dólares. O problema é que, com a privatização, esta dívida vai continuar onerando os cofres públicos. Porque não está prevista a venda da empresa e sim a concessão de suas linhas.

Para qualquer modificação do patrimônio público, seria necessária a aprovação na Câmara. Mas isto foi descartado pelo prefeito, porque o que vai ser feito é a transferência das linhas que a CMTC opera para empresas de ônibus particulares. Na primeira etapa, serão concedidas 80 linhas, divididas em quatro lotes, ou seja, vinte áreas da cidade passarão para o controle dos empresários.

"Maluf quer se livrar da parte rentável da CMTC", acusa o vereador petista Chico Whitacker. Na prática, o processo já está em andamento. No último dia 25, a diretoria da CMTC decidiu desativar 4 garagens. Dos 25 mil funcionários, 18 mil serão demitidos até dezembro. E a frota será reduzida de 2.630 ônibus para 836. "O objetivo é se livrar de todos os carros até maio de 1994", relatou Alcides Araújo dos Santos, diretor representante dos funcionários, testemunha do acerto.

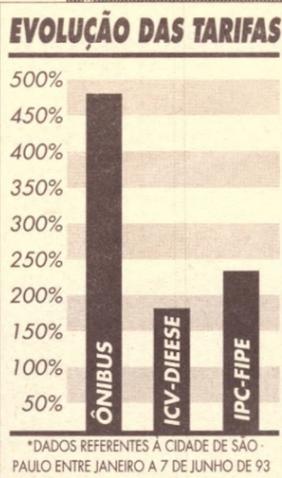
DEMITIDOS. O desemprego será terrível para os demitidos porque terão dificuldade para se recolocar. "Os empresários discriminam os ex-funcionários da CMTC", disse o sindicalista Dácio Magalhães de Faria, do Sindicato dos Condutores. Apesar de malufada, a CMTC é tida em alta conta pelos usuários. Uma pesquisa feita pela atual diretoria, para tentar levantar argumentos pró-privatização, não conseguiu escamotear a preferência dos passageiros: 60,6% dos entrevistados não a trocaria por uma particular caso tivessem a possibilidade de escolha.

Hoje, a CMTC operadora é responsável por 30% das linhas. O restante é partilhado por 33 empresas. Há dois grandes grupos centralizando o mercado: o Mineiro, dono 25% das linhas paulistanas e 15 mil ônibus urbanos em todo o país, e o Ruas, com 15%. O ex-secretário de Transportes e assessor da liderança do PT na Câmara, Lúcio Gregori, evita fazer previsões, mas arrisca um palpite: "Uma parcela considerável pode ir para as mãos do Grupo Mineiro". Outros grandes beneficiários serão os clandestinos. Maluf disse ao **Diário Popular** que, se pudesse, deixaria a cidade na mão deles.

MUNICIPALIZAÇÃO. O transporte sempre foi o calcanhar-de-aquiles dos prefeitos. Afinal, são 6 milhões e meio de pessoas indo e vindo nos coletivos, dia a dia. Por isso, ao mesmo tempo, é uma das maiores bandeiras dos candidatos. Na campanha, Paulo Maluf criticou a municipalização de 1991, dispendiosa porque pagava por quilômetros rodados. Graças aos subsídios, foram alcançados padrões internacionais. Os ônibus em hora de pico circulavam com 7 pessoas por metro quadrado, ao invés de 14 como era antes e voltará a ser, pois "a atual política malufista é pagar por passageiro transportado", disse o vereador Italo Cardoso (PT).

Para combater a municipalização, Maluf arquitetou um circo com parte dos empresários iluminados pela imprensa, no início de fevereiro. Os empresários toparam ganhar 30 centavos de dólar por passageiro, ao invés dos 50 em média pagos até então pela prefeitura.

A jogada tem quatro detalhes interessantes. 1) Hoje, eles querem ganhar 57 cents. 2) Segundo o ex-secretário de transporte Lúcio Gregori, uma das empresas de Ronam Pinto recebia na época 0,37 do dólar (linhas com maior rotatividade de passageiros recebem menos por passageiro. US\$ 0,50 era a média). Ronam foi um dos quatro primeiros a fechar o acordo antimunicipalização e a receber os repasses da prefeitura, isto é, um benefício adiantado de Cr\$ 7 bilhões em fevereiro. 3) Os proprietários das empresas fizeram questão de deixar claro, em uma nota publicitária, intitulada "Ao Povo de São Paulo", que recebiam mais da prefeitura anterior devido à ação de funcionários, que cobravam propinas. Como, com a atual administração, este comportamento não existia, a diferença de 0,20 cents do subsídio não faria falta. Como lembra a vereadora petista Tereza Lajolo, essa nota foi publicada em todos os estados. Por quê? "São os preparativos para a campanha presidencial, aliás,



*DADOS REFERENTES A CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE JANEIRO A 7 DE JUNHO DE 93

O caos do transporte promete piorar

Dando a partida em mais uma malufada

A entrega travestida de privatização

até hoje não se sabe quem pagou a publicidade." 4) Por causa desta denúncia, foi instalada uma CPI na Câmara para caçar estes tais intermediários da administração petista e outras irregularidades. Nada foi constatado. Ao contrário, uma auditoria da Fundação Getúlio Vargas aprovou os cálculos da administração anterior.

Como explica o vereador Whitacker, "quando se estabeleceu o valor US\$ 0,30, o planejamento só previu o gasto com combustível e despesa com funcionários". E completa: "Para manter a idade média da frota seria necessário comprar cerca de 600 ônibus em seis meses, e até agora não foi comprado nenhum". Sobre isso diz Gregori: "É capaz de as empresas maiores terem agüentado o arrocho, porque sabiam as vantagens da privatização". E continua: "O que o Maluf está fazendo é superior a uma discussão numerológica. Ele quer acabar com a empresa pública".

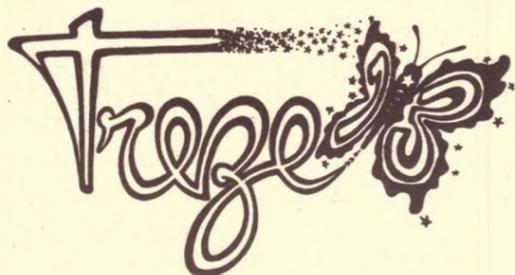
PESQUISA. Os paulistanos que o digam. Em uma pesquisa realizada nos cem primeiros dias de governo, o DataFolha registrou: 60% dos entrevistados reclamam da tarifa e 41% da diminuição da frota. A própria CMTC reduziu a circulação nos horários de entre-picos em 30%. O motorista da CMTC Wilson Paixão está cansado de ouvir seus passageiros entrarem falando do preço da passagem e da demora. "Um ônibus articulado pode levar 125 pessoas e está carregando 205", contou Paixão. "Estou me preparando para as manifestações contra a privatização."

Entretanto, não é só Wilson Paixão que está se preparando. O Sindicato dos Condutores, junto como Fórum de Defesa da CMTC, formado por várias entidades, lançou a campanha "Sem a CMTC, quem fica a pé é você". Outra providência é a coleta de assinaturas para a realização de um plebiscito na cidade. Para isso são necessários 62 mil nomes. Fora isto, ocorrerá uma passeata com vários movimentos da cidade, como moradia, saúde, marcada para o dia 7 de julho, com concentração na Praça da Sé, região central, e caminhada até a sede da prefeitura.

ADÉLIA CHAGAS



UMA LOJA PARA QUEM NÃO TEM MEDO DE SER FELIZ



LOJA CDM - PT - SP

RUA PEDRO TAQUES, 70 - CONSOLAÇÃO
SÃO PAULO/SP 01415-010
FONE (011) 37-6651

QTD. PRODUTOS	Cr\$/UNID.	Cr\$/TOTAL	QTD. PRODUTOS	Cr\$/UNID.	Cr\$/TOTAL
Adesivo Estrela	15.000,00		Estrela Metal Cola Gde.	45.000,00	
Adesivos diversos	25.000,00		Estrela Metal Solda Gde.	60.000,00	
Boné (CUT, PT, LULA Brasil)	150.000,00		Broche Pingente PT	25.000,00	
Brinco dourado redondo	75.000,00		Broche Bandeira PT Bras. e LULA	60.000,00	
Brinco prateado redondo	60.000,00		Lapela Alfinete Red. peq.	25.000,00	
Broche Dourado Estrela Red. (gde)	55.000,00		Lapela Alfinete Ret. peq.	26.000,00	
Broche fotográfico 13 anos PT	12.000,00		Lapela Alfinete Red. med. dour	35.000,00	
Broche Fundação PT e CUT	50.000,00		Camisetas Hering BR	220.000,00	
Broche LULA Bandeiras	60.000,00		Camisetas "Sem medo de ser feliz"	390.000,00	
Broche LULA (4 modelos)	55.000,00				
Broche LULA c/estrela dourada	60.000,00		SUB-TOTAL		
Caneta PT	40.000,00		DESC. %:		
Caneta LULA	40.000,00		TOTAL		
Caneta CUT	40.000,00				
Caneta "Sem medo de ser feliz"	45.000,00				
Chaveiro couro	100.000,00				
Chaveiro plástico PT, CUT	25.000,00				
Chaveiro estrela PT	70.000,00				
Chaveiro PT ret.	90.000,00				
Estrela Alumínio	30.000,00				
Estrela Metal Cola Peq.	40.000,00				
Estrela Metal Solda Peq.	47.000,00				
Estrela Metal Solda Med.	48.000,00				

PREENCHA O CUPOM ABAIXO E MANDE JUNTO COM SEU PEDIDO

Nome: _____
End.: _____ Nº _____
Apto.: _____ Bairro: _____
Município: _____ Estado: _____
CEP _____ Fone: _____
Entidade e/ou Nome do Resp.: _____

Condições de pagamento: à vista Acima de Cr\$ 8.000.000,00 - 25% de desconto
Acima de Cr\$ 4.000.000,00 - 20% de desconto Acima de Cr\$ 15.000.000,00 - 30% de desconto

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/07/93

Viena discute e não decide

No máximo, a Conferência da ONU "condena" violações, inclusive pelo Brasil.

CRISE NO JAPÃO. Um voto de desconfiança derrubou o gabinete do primeiro-ministro Kiichi Miyazawa, do Partido Liberal Democrata, e pode encerrar seu domínio de quase quarenta anos. A votação foi de 255 a 220, com o apoio de 57 parlamentares do PLD, boa parte dos quais sob a liderança de Tsutomu Hata, que formou o Partido do Renascimento. Escândalos de corrupção, envolvendo lideranças do partido, a recessão econômica e as dificuldades de conduzir um projeto de reforma política estão na raiz da crise. Eleições antecipadas foram convocadas para 18 de julho.

RECOMPOSIÇÃO NA ITÁLIA. As eleições municipais italianas de 7 de junho conduziram à bancarrota a Democracia Cristã e o PSI, envolvidos num mar de lama. Nas cidades industrializadas setentrionais, a grande vitoriosa foi a Liga do Norte, que chegou a 40% dos votos em Milão. Mas a Refundação Comunista, que deslocou o PDS (ex-PCI), também saiu fortalecida. O PDS recuperou-se com os resultados do centro e do sul do país. E a Rete (antimáfia) surgiu como uma nova corrente da esquerda.

O PSOE MANTÉM O GOVERNO. O PSOE é o único partido socialista no governo na Europa Ocidental. Ele obteve 39% dos votos nas eleições parlamentares espanholas, contra 35% do Partido Popular, de direita, 9,5% da Esquerda Unida e 5% dos nacionalistas catalães. Dos 350 parlamentares, os socialistas elegeram 159 e discutem agora formar um gabinete de minoria. Felipe Gonzalez conseguiu reconduzir seu partido ao governo imprimindo um caráter autocrítico à campanha, mas capitalizando também o temor de uma vitória da direita.

DAMAS DE FERRO. Duas novas primeiras-ministras conservadoras chegam ao governo na mesma semana. Kim Campbell, advogada e ex-ministra da Defesa do Canadá, foi eleita a nova líder do Partido Conservador Progressista e substituiu Brian Mulroney. Tansu Ciller, economista, empresária e ex-ministra da Economia da Turquia, foi eleita líder do Partido do Verdadeiro Caminho.

NOVOS CHIPS. Uma nova geração de chips para microcomputadores está sendo lançada, superando os 486 da Intel, que até agora eram os mais poderosos deste mercado. A própria Intel lançou o chip Pentium, de 64 bits, cinco vezes mais rápido do que o 486; a Mips lançou o processador R4400 em tecnologia Risc; e a digital lançou o chip Alfa, de desempenho duas a três vezes superior, dependendo do modelo, ao Pentium. Estes processadores fazem com que os micros, cada vez mais velozes e poderosos, passem a assumir tarefas antes desempenhadas exclusivamente por computadores de médio porte (como gerenciar redes de até três mil micros em bancos).

Que se pode esperar de uma Conferência Mundial da ONU sobre os Direitos Humanos que desde o início deixou claro a disposição de não discutir violações "específicas" dos direitos humanos em cada país? E isso em Viena, a uma hora de vôo da Bósnia-Herzegovina, onde sérvios e croatas substituíram a convivência do antigo Estado socialista pela guerra santa contra os muçulmanos. Não se pode esperar nada, não é verdade? A não ser que o ponto alto do encontro, celebrado entre os dias 14 e 25 de junho, fosse sua própria negação. E foi. O único momento em que os delegados saíram de sua modorra burocrática foi a votação de um texto que condenou o massacre dos muçulmanos na Bósnia e rejeitou a divisão da república em três Estados, um croata, o outro sérvio e um terceiro muçulmano. Essa proposta foi apresentada pelos dois mediadores da ONU para o conflito, o britânico David Owen e o norte-americano Cyrus Vance.

O voto foi importante, sem dúvida, já que rejeitou uma das maiores barbaridades que a "nova era mundial" sem socialismo reserva ao mundo. Mas violou as diretrizes da conferência, revelando seu absurdo. O Brasil, aliás, votou contra a divisão da Bósnia, como quase toda a América Latina (México e Uruguai se abstiveram) e o mundo árabe. A abstenção, de sua parte, provocou alianças insólitas, reunindo os EUA, Cuba, a Europa Ocidental e Israel.

ESPETÁCULO. Esse foi rigorosamente o único lance de emoção em todo o encontro. A movimentação de verdade ficou, como ocorrera na ECO-92, no Rio de Janeiro, por conta das mais de 700 Organizações Não-Governamentais (ONGs), que fizeram um encontro paralelo para discutir



Crianças da Bósnia-Herzegovina posam para foto brincando com canhão antitanque

os direitos humanos. Militantes de todas as causas reuniram-se dois andares abaixo da Conferência da ONU. Desde ativistas pelo fim da ocupação chinesa até um "Comitê pela Libertação do presidente Gonzalo", aliás, Abimeal Guzman, o capo do Sendero Luminoso peruano. Nenhum dos responsáveis por esse comitê, curiosamente, era peruano. Muito menos conhecia de perto o morticínio causado pelo Sendero, nem um pouco mais "suave" do que a repressão do Exército peruano.

O show das ONGs poderia mesmo "caber" na estrutura de uma escola de samba. A bateria ficou por conta dos tambores curdos, que preencheram o ambiente por mais de duas semanas. O enredo esteve a cargo de um colorido grupo folclórico mexicano, liderado por um personagem que se intitula Xocconacatl, e se diz o elo perdido com o último imperador asteca, Montezuma. Xocconacatl, que se expressa em perfeito alemão, exigia junto com sua turma a

devolução do penacho de Montezuma, um adorno feito em ouro e penas do pássaro quetzal, que se encontra em um pacato museu vienense. O porta-bandeira da escola de samba das ONGs seria um solitário ativista judeu, que por dias permaneceu à porta da conferência, com sua faixa exigindo o boicote econômico da Alemanha nazista.

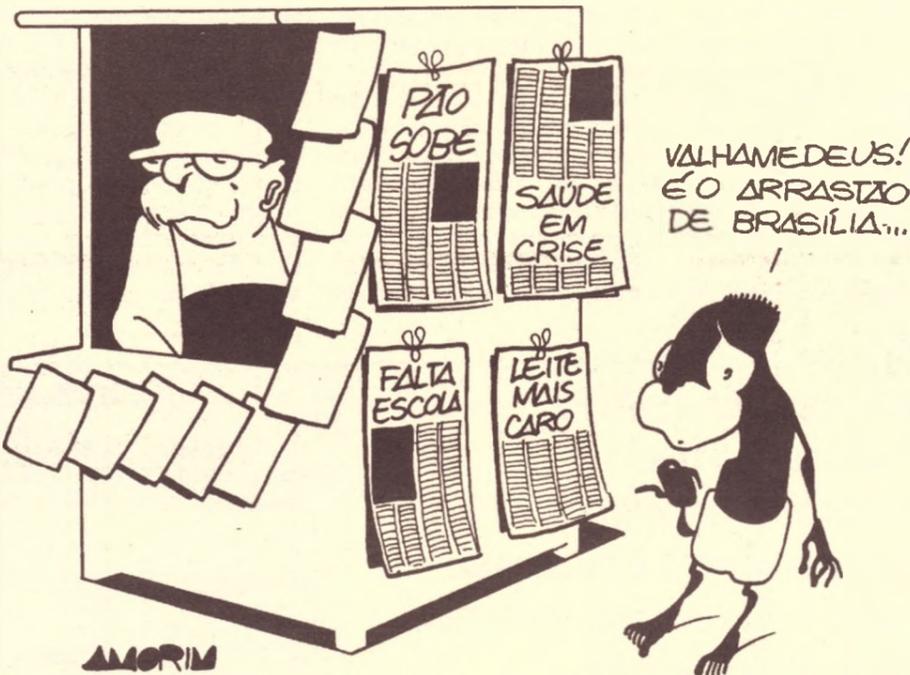
O BRASIL LÁ. Brincadeiras à parte, o encontro das ONGs mostrou a força de dois grandes lobbies. O primeiro, as organizações feministas, esteve à frente do mais emocionante evento da conferência paralela: um "Tribunal da Mulher", com testemunhos denunciando desde a circuncisão clitoriana de dois milhões de meninas a cada ano, na África negra, até a violação de deficientes físicos. Já o lobby pró-muçulmanos da Bósnia-Herzegovina granjeou enorme simpatia e realizou manifestações quase que diárias. Sua atividade foi importante para que a Conferência da ONU pisasse em seus próprios pés,

aprovando a declaração contrária à divisão do território bósnio.

O Brasil foi um dos países melhor representados, nas duas conferências. O ministro da Justiça, Maurício Corrêa, fez o discurso de abertura do encontro da ONU. O relator dessa conferência foi o embaixador Gilberto Sabóia. Quanto às ONGs, tropeçava-se em grupos brasileiros a cada canto. Em grupos e em denúncias. A entidade SOS Torturas acusou o Brasil de estar na linha de frente da exploração de prostitutas menores de idade e do massacre de meninos de rua. Dois deputados petistas, Hélio Bicudo (SP) e Paulo Delgado (MG), participaram das duas conferências. Bicudo, em nome das ONGs brasileiras, entregou a Maurício Corrêa um documento pedindo o fim da Justiça Militar para casos envolvendo civis. Corrêa disse apoiar a proposta e prometeu fazer um lobby de pé de ouvido junto a Itamar Franco.

MÁRCIO KUHN,
de Viena

Qual é o jornal que está ao seu lado?



Brasil Agora é um jornal que trata a notícia pelo ponto de vista da classe trabalhadora. É um jornal crítico, que não esconde sua posição. Assinando **Brasil Agora** você estará ajudando a fortalecer um tipo de imprensa que não faz coro com os interesses do neoliberalismo. Assine já.

LIGUE GRÁTIS
0800-11.1300

Combate tem novas abordagens

Sem promessa de cura, a Conferência de Berlim deu mais destaque à prevenção.

Há hoje no mundo dois milhões de aidéticos e 14 milhões de soropositivos, segundo a Organização Mundial de Saúde. Ela estima, também, que este número triplicará até o final da década. A AIDS está se transformando em uma catástrofe social em alguns países africanos, dizimando populações, e em um gravíssimo problema de saúde pública em outros, como o Brasil e alguns países desenvolvidos.

É por isso que a 9ª Conferência Internacional sobre AIDS deu tanto destaque à prevenção como problema central na luta contra a doença. Realizada em Berlim, entre 7 e 11 de junho, com cerca de 13 mil participantes, entre especialistas e ativistas, a conferência foi um importante evento científico e de mídia. Mas, na ausência de grandes avanços no terreno terapêutico - a promessa da cura passou distante da conferência -, as novidades nela divulgadas foram, sobretudo, o fruto de pesquisas básicas, que abrem novas abordagens para o combate à doença.

AZT E HERPES. Entre as inúmeras comunicações apresentadas, algumas foram bastante destacadas pela imprensa. Em primeiro lugar, a divulgação dos resultados do chamado estudo "Concorde", sobre a eficácia do AZT. Conduzindo entre 1.749 soropositivos ingleses e france-

ses a partir de 1989, ele mostrou que o AZT parece ser inútil para os soropositivos que ainda não desenvolveram a doença, embora tenha tido sua eficácia comprovada para aqueles em que a doença já se manifestou.

Outro estudo mostrou que um tipo de vírus da herpes ataca as mesmas estruturas celulares que o HIV. O herpesvírus 7, entretanto, não destrói as células CD4. Pesquisadores pensam poder

utilizá-lo para, no futuro, desenvolver terapias capazes de bloquear a ação do HIV.

SOBREVIVENTES. A maior novidade da conferência foi, porém, uma série de estudos com os chamados sobreviventes, pessoas que, expostas ao vírus da AIDS, não contraíram a doença ou não a manifestaram, por períodos de mais de dez anos. A explicação para estes casos - que

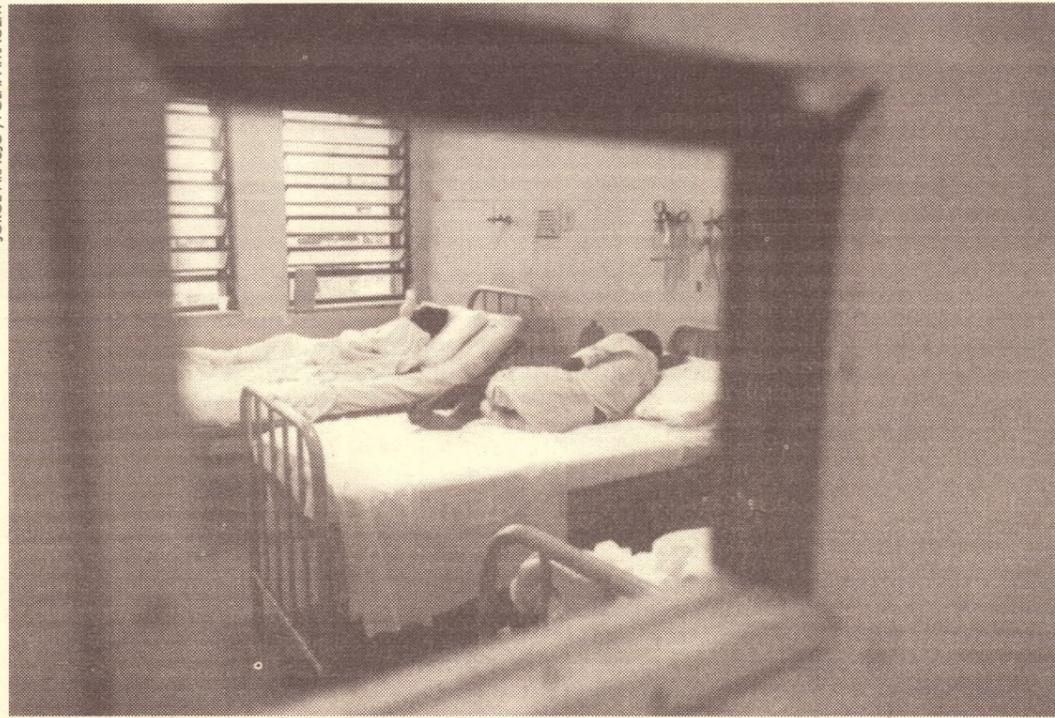
parecem abarcar cerca de 5% dos contágios - parece ser que nestas pessoas a reação do organismo contra o vírus foi desencadeada pelas células Th1 e não por anticorpos. Esse processo é chamado de imunidade celular e é distinto da imunidade humoral (baseada na ação dos anticorpos).

Um aspecto, ressaltado em estudos desenvolvidos nos EUA, Alemanha e Quênia, parece fornecer pistas sobre uma diferen-

ça genética no sistema imune dos sobreviventes. Pesquisadores descobriram que eles têm um gene, importante para o controle da imunidade celular, e não têm outro, presente entre portadores do vírus que desenvolvem a doença em períodos mais curtos que a média.

PREVENÇÃO. Outro campo destacado na conferência foi a prevenção. Vários estudos mostram os níveis alarmantes de crescimento da AIDS entre as mulheres e os jovens na faixa de 18 a 24 anos. A OMS afirma que mais verbas para campanhas de esclarecimento, educação sexual, distribuição de preservativos e tratamento de outras doenças venéreas (que aumentam o risco de transmissão da AIDS) poderiam reduzir pela metade o número de novos casos.

Mas propostas deste tipo enfrentam obstáculos políticos e ideológicos. Verbas para campanhas de educação implicam prioridade e chocam-se com o preconceito geral contra a AIDS e os aidéticos. Há aí uma luta a ser travada. Como nota Jonathan Mann, da OMS, a proteção dos não-infectados depende da preservação dos direitos e dignidade daqueles já infectados; depende de perceber que a proteção da maioria está intimamente ligada à proteção da minoria.



Sem avanços no terreno terapêutico, o remédio é evitar a AIDS.

JOSÉ CORRÊA

A doença através da cura

Sangue usado para transfusão não tem controle e oferece risco de contágio

A coordenadora do Programa Nacional de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, do Ministério da Saúde, Lair Guerra, já reconhece: cerca de 30% do sangue coletado no país não é submetido a nenhum controle efetivo. Isso constitui uma fonte potencial de contágio não apenas de AIDS, mas de hepatite B, que provoca câncer no fígado e só no Brasil ataca um milhão de pessoas por ano, sífilis e doença de chagas - todas enfermidades cujo controle nos bancos de sangue é obrigatório por lei. A legislação em vigor ainda não obriga a realização de exame para o controle da hepatite C e dos vírus do grupo HTLV, causadores de leucemias e linfomas.

SEM CONTROLE. Apesar de terem sido criados, com a pressão pública nos anos 80, diver-

sos hemocentros governamentais, existem hoje no Brasil entre 2.000 a 2.400 bancos de sangue privados, que deveriam ser controlados pelos Departamentos de Vigilância Sanitária de cada estado. O próprio secretário nacional de Vigilância, Roberto Chabo, segundo o *Jornal do Conselho Federal de Medicina*, declarou recentemente que o governo consegue fiscalizar apenas 632 hemocentros e bancos de sangue públicos existentes no país. No Rio de Janeiro, por exemplo, para controlar os 154 centros hemoterápicos, a Vigilância conta com apenas quatro pessoas, uma das quais declarou ao *Jornal do CFM* que prefere recorrer à autotransfusão se precisar de sangue - "e tem até um estoque preparado". Na Paraíba, o próprio coordenador da Vigilância Estadual, Jorge Molina, admitiu que o risco de

uma pessoa contrair uma doença por meio de transfusão de sangue naquele estado "é muito grande". No ano passado, dois paraibanos entraram na Justiça contra o Estado por terem se contaminado com o vírus da AIDS através de transfusões, embora o laboratório responsável tenha atestado a qualidade do sangue. Os dois já morreram.

A situação calamitosa parece ter exceções, como o caso do Paraná, onde o controle sobre os oito bancos públicos e 16 privados só detectou um caso de contaminação por hepatite em 1991.

Mas a regra é outra: como afirma o hematologista Crescêncio Antunes, vice-presidente do CFM, "nem o ministério, nem a maioria dos estados brasileiros exerce vigilância e fiscalização sobre o controle sorológico de doenças ou so-

bre o destino que a maioria dos bancos privados dá ao excedente de plasma humano".

NEGÓCIO LUCRATIVO. Embora a Constituição de 1988 proíba a comercialização de sangue e derivados, o destino ignorado da maioria do sangue coletado nos bancos privados mostra que há aí um lucrativo comércio. Apenas cinco estabelecimentos produzem albumina e fatores de coagulação no país, os hemocentros de Pernambuco, São Paulo e Brasília, o Instituto Santa Catarina do Rio de Janeiro e a Hoechst do Brasil. Os três primeiros só trabalham com sangue coletado em hemocentros e bancos públicos, que corresponde à menor parcela do produto, porque não tem garantia da qualidade do produto oferecido pelos estabelecimentos privados. Como destino do san-

gue restante sobram apenas, aparentemente, o Instituto e a Hoechst.

O Brasil precisa hoje de 14 toneladas por ano de albumina humana e produz apenas uma tonelada, gastando 123 milhões de dólares na importação de hemoderivados. Segundo Crescêncio Antunes, "a auto-suficiência seria possível se o país investisse na ampliação das plantas industriais dos hemocentros públicos existentes o que gasta na importação de hemoderivados". Com investimentos de 30 milhões de dólares, por exemplo, o hemocentro de Pernambuco poderia passar a processar em escala industrial hemoderivados suficientes para suprir a demanda de todo o Norte e Nordeste.

J. C.

*Você acompanha as polêmicas do PT
através da Folha e se irrita?*

Você quer saber o que realmente acontece no PT?

Toda semana informação, polêmica e discussão.

*No **Linha Direta** você acha tudo isso. Sem irritação.*

***Linha Direta**. Não dá pra não ler...*

ASSINE LINHA DIRETA

- Assinatura semestral (24 números) Cr\$ 575.000,00
 Assinatura anual Cr\$ 1.070.000,00. Apoio Cr\$ 1.300.000,00
Basta enviar ao PT/SP cheque nominal ao **Linha Direta**

Nome _____
Endereço _____
Tel _____
Cep _____ Cidade _____ Estado _____

Rua Conselheiro Nébias, 1052 - CEP 01203-002 - São Paulo - SP - Fone: 223-7999

Um livro necessário e vingador

Se afastar de firme base científica e dono de uma integridade ética permanente, intelectual com larga quilometragem de pensamento e vivência, ampla abrangência e honestidade intransigente, Franklin de Oliveira - já "comparado" a um intelectual completo como Edmund Wilson - com o primeiro ensaio desta coletânea, "A Semana de Arte Moderna na contramão da história", lava um tento raro: levanta a mais contundente desmistificação da "semana que engorda", segundo Carlos Drummond de Andrade, ou da "patuscada", como a flagrou outro grande poeta, Dante Milano. Afora esse trabalho demolidor e reconduz a uma axiologia necessária e nova para os fatos culturais brasileiros, o seu ensaio-título contém a arquitetura de uma vasta revisão. Convida, incita, provoca ao não-conformismo e ao repensamento da própria história do país. Franklin não se furta a pensar, de novo, figuras como Antônio Vieira, Rui Barbosa, Coelho Netto, Graciliano Ramos, Portinari...



Alguém já o chamou de prosador dos mais nobres. Nenhuma exagero. Mais de se destacar é a importância de sua crítica numa literatura escassa de pensamento. Ele aponta essa pouquidade. Como em Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Raul Pompéia, como em Lima Barreto, há um papel vingador nesse ensaísta que não perde o eixo científico e não deixa escapar de suas mãos a agudeza da emoção. Daí, a leitura desse livro terá conseqüências perduráveis no espírito do leitor. O estilo tem maciez, sim; e, sim, carrega energia, virilidade e em momento algum perde a limpidez. Equaciona, sem complicar, a partir de sua linguagem. Observe-se a densidade com que usa, entre outros exemplos,

a palavra *bumbum*; mas se observe igualmente a contundência que corta rente ao revelar esta aversão tácita e definitiva de João Guimarães Rosa: "O nazismo, Franklin, é o Demônio". Ou neste alerta: "O velho Marx dizia que a ignorância nunca foi útil a ninguém". Ou mais, de lambugem e terminante: "O nome de uma autêntica revolução é cultura". O estouro épico do revolucionário Rosa, ainda hoje in-

Livro necessário, oportuno, rico de essências e, num país minimamente organizado e atento, um livro de conseqüências perduráveis. Ensaaios, em principal, destinados à juventude pensante e aos homens não estanques do país. E aos remanescentes da dignidade geral, além da dignidade intelectual. É mais de se ressaltar a sua importância num tempo marcado dramaticamente pela presença das gerações sem palavras, como disse Paulo Rónai. Época de ausência de memória - e, pior, mesmo de memória recente - e em que a própria palavra sofre conseqüências de uma atmosfera incultural e massacrada pela incúria, pelo obscurantismo, pelo desmazelo. E pelo retrocesso. Os ensaios desse mestre, não apenas crítico, desse humanista, Franklin de Oliveira, fazem ressurgir forte lembrança dos grandes nomes do ensaísmo e do pensamento estético e ético no Brasil. É de se lamentar que até hoje sigam insubstituídos - Sérgio Milliet, Paulo Rónai, Augusto Meyer, Otto Maria Carpeux, Brito Broca, Álvaro Lins, Astrojildo Pereira, José Guilherme Merquior... para ficar somente nesses luminares do partido mais alto dos pensadores de literatura e de arte no Brasil.

compreendido; a personalidade irreprochável de um grande homem e escritor, Graciliano Ramos, aparentemente seco e, torturado pela consciência profunda, atingindo momentos de vaticínio e iluminação transcendental; o ilusoriamente palavroso e, na verdade, pioneiro profissional do ato de escrever, Coelho Netto, cuja obra está a exigir uma revisão de seu sentido mais íntimo; a grandeza do Rui Barbo-

nhore e as expectativas de Sandra ao enfrentar tudo isso com uma filha na barriga, que veio à luz em meio a essa reativação da esperança que, de certo modo, atingiu a todos. Por exemplo: no livro ela conta como a empresa de Diniz enviou 50 milhões de dólares às Ilhas Virgens em poucas semanas. Há também um capítulo que ela chamou de "autocrítica": chama-se "De volta à multidão". Aí fala da vaidade, da sensação de ser manchete por um tempo, como foi sua sensação de "sair do anonimato". Tudo isso faz de seu livro uma promessa interessante, a conferir.

sa, homem de pensamento e estadista...

E mais revisitações reveladoras, sobre Pontes de Miranda, Almir de Andrade, Portinari, Dante Costa, Hugo Carvalho Ramos, Carlos Tavares (de *O Ventre do Diabo*), José Ortega y Gasset, Robert Musil, o austríaco que penetrou e expôs a ambigüidade do eterno eu feminino sem nunca ter sido apresentado às existências psicológicas de Capitus, Sofias, Genovevas do nosso primeiro bailarino, Machado de Assis..., uma grande página sobre Otto Maria Carpeaux, saído da Europa Central, corrido das bestialidades nazistas e chegado ao Brasil para aqui esplender como um luzeiro e nos apontar, entre muitas outras conquistas, a filosofia da arte..., as variações sobre o Natal, síntese de grande força sobre o homem transcendente e as indicações sinceras para uma política cultural que jamais se afaste da vocação humanística.

Exigente, vigilante, sério na pesquisa. Embora elogiando como "livro indispensável" a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, reclama a ausência, no capítulo do nosso barroco, da singularíssima pessoa do pintor Manuel da Costa Athayde, o Athayde azul-e-vermelho, companheiro do Aleijadinho e que pintou, uma festa de alegria de viver em Congonhas no interior da igreja do Bom Jesus de Matosinhos, anjinhos mulatos e chorões.

Talvez Franklin de Oliveira seja o atual grande crítico literário deste país sob o alcance largo da cultura como fato antropológico. Já foi essa a opinião de José Guilherme Merquior.

Seu feixe de ensaios é um banho de cultura. E, em principal, uma lição que poreja humanismo. É comovente que o mestre, fazendo-se singelo, o tenha dedicado diretamente não aos deslumbrados, mas aos "homens sérios deste pobre país".

Que fica menos pobre com a lucidez deste livro vingador.

JOÃO ANTÔNIO



O flagrante da farsa

A secretária Sandra conta no livro detalhes da Operação Uruguai



Primeiro, ela recebeu um convite para escrever um livro sensacionalista: *Sandra, a secretária-espiã*. Recusado este convite inadequado e desqualificador, dando-se algum tempo, e graças a insistências dos amigos, e seu apoio, como o do marido, a idéia do verdadeiro livro foi nascendo. *Operação Uruguai: o flagrante da farsa*. Assim Sandra Oliveira, a secretária que abalou o governo Collor com suas revelações, dispôs-se a contar a sua experiência nessa história que abalou o Brasil. Apenas a sua experiência. Ou seja, de como tomou consciência de seu direito à própria voz e partiu para seu exercício.

O livro vai sair pela Editora Olho D'água, tem 104 páginas e custa, até o final de julho, 400 mil cruzeiros nas livrarias. Promete ser bem mais interessante do que as chatices das famílias Malta/Collor, envoltas no papel brilhante do sensacionalismo barato. Pelo livro desfilam não só detalhes da famosa operação cuja criação destinava-se a salvar um governo; também estão considerações sobre a relação entre empresas, digo, empresas brasileiras e os paraísos fiscais, a visão atrasada e feudal que ainda governa as relações internas de muitas empresas, observações sobre o fato de que secretário tem ética sim se-

nhore e as expectativas de Sandra ao enfrentar tudo isso com uma filha na barriga, que veio à luz em meio a essa reativação da esperança que, de certo modo, atingiu a todos. Por exemplo: no livro ela conta como a empresa de Diniz enviou 50 milhões de dólares às Ilhas Virgens em poucas semanas. Há também um capítulo que ela chamou de "autocrítica": chama-se "De volta à multidão". Aí fala da vaidade, da sensação de ser manchete por um tempo, como foi sua sensação de "sair do anonimato". Tudo isso faz de seu livro uma promessa interessante, a conferir.

FLAVIO AGUIAR

A CARA PRA BATER

O rap é a música mas o movimento Hip Hop é integrado por mais dois elementos: o break é a dança, e o grafite a expressão artística. A dança é uma "produção de corpos quebrados", representando uma espécie de protesto contra os corpos metralhados ou reprimidos, mostrando como é quebrar o corpo, a perna, o braço. O dançarino mexe o corpo todo. O grafite, com ar de protesto, revela o que "rola" no Hip Hop. A figura mais comum é o negro mexendo num toca-discos e fazendo protestos de rua em oposição à ideologia dominante.

Todo este universo é uma espécie de cultura-produto, reflexo, nos EUA, da guerra do Vietnã. Ao mesmo tempo expressa a reação em cadeia dos negros dos anos 80, protestando contra o racismo ou fugindo da polícia. Segundo Sueli Chan, do Movimento Negro Unificado, "esta é uma cultura revolucionária, que se organiza nas ruas".

FORA DO LUGAR. De fato, em São Paulo, politicamente, o movimento se expressa ao largo das instituições de política formal. Em geral rejeitam-se sindicatos, partidos políticos e até mesmo a maioria dos setores dos movimentos negros. "Nós e não eles colocamos a cara para bater. Eles se perdem em brigas entre entidades e discussões", afirma Carlos Alberto, da banda Conclusão Final, criada no início deste ano.

Em relação aos partidos políticos, ele é mais enfático: "A direita não queremos, a esquerda não tem a preocupação que deveria ter com o povo brasileiro; nós teríamos que ser o centro", ironiza. É contra-ataca o imaginário construído na imprensa, sobre os caras-pintadas como símbolo juvenil da luta pela ética e moralização da política: "Enquanto eles, com uma infra-estrutura de politização, iam protestar, nós estávamos trabalhando", diz. Também criticam-se a UNE e a UMEs, que "não lutam pela história real ou em defesa dos direitos dos estudantes. Somos 10% na USP", lembra Carlos Alberto. E faz críticas ao movimento negro: "É elitista, não vai à favela". E esclarece: "A maioria de nós não passou pelo movimento negro, mas pelo soul e pelo funk, onde desenvolvemos a nossa consciência".

H.C.

EM RITMO DE GUERRA

Funk e rap disputam as atenções de milhares de jovens

ANTONIO BATALHA/FOLHA IMAGEM



O funk não acabou. O ritmo forte, que lembra batidas de guerra, continua sendo tocado nas periferias do Rio de Janeiro. Mais de 500 mil adolescentes, de 10 a 18 anos, reúnem-se todos os finais de semana para dançar. Em São Paulo, apesar de ainda ser tocado e reunir igual número de pessoas, ele está sendo substituído pelo rap, diz William Santiago, da equipe Zimbabwe Soul, uma das principais empresas de cultura negra do estado de São Paulo. Nas duas cidades, são realizados mais de 50 bailes por final de semana.

Em seu início, na década de 70, através do movimento soul, os jovens moradores dos morros cariocas tentavam imitar os cantores negros norte-americanos. Usando um pedaço de cabo de vassoura - falso microfone - fingiam cantar, fazendo apenas o gestual. A brincadeira, junto com apresentação de filmes de Shaft e Mr. T, chegou aos salões de clubes como o Renascença Clube e, com o retorno de Toni Tornado dos EUA, com dança e gesto rápidos e violentos, como se estivesse se desviando de um tiro de revólver, chegou também a São Paulo.

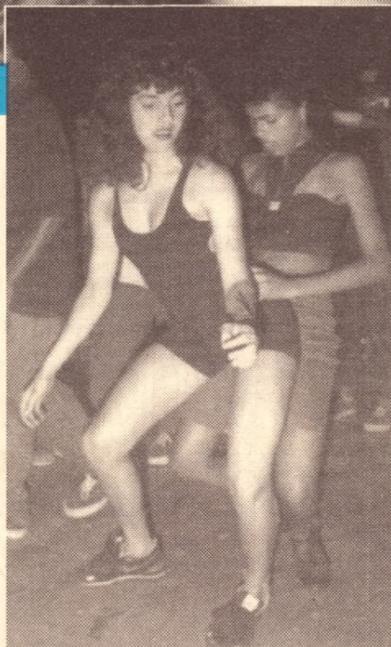
80-DÉCADA DO FUNK. A explosão funk ocorreu na década de 80. As disputas entre bairros acabaram se transformando em brigas entre gangues. Os bailes passaram a sofrer influência do narcotráfico que, além de contratar disk jockeys e promover bailes, passaram a distribuir drogas entre os frequentadores. A equipe Furacão 2000, segundo Amauri Mendes Pereira, do IPCN - Instituto de Pesquisas de Culturas Negras, do Rio de Janeiro criou "as galeras, repre-

sentando bairros para disputar concursos como o melhor dançarino, os mais bem vestidos e a rainha de cada festa". Mas o traço original dos bailes funks, a afirmação racial, "acabou", diz Altair Fernandes de Oliveira, do CEAP - Centro de Articulação das Populações Marginalizadas. A batida original, estilo James Brown, segundo Nelson Triunfo, da banda Funk e Cia, de São Paulo, foi trocada pelo Miami Base, "uma batida mais forte, que torna a dança mais agressiva".

90-DÉCADA DO RAP. A tendência agora, segundo Triunfo, que foi um dos primeiros funkeiros, tanto no Rio como em São Paulo, e hoje criou a banda de rap Nelson Triunfo, Funk e Cia, é a expansão do rap, inclu-

sive no Rio de Janeiro. Hoje, o rap já é forte. "Nos anos 70 importamos o soul funk do Rio, agora exportamos para eles o rap 90, seio e década do rap", afirma.

De fato, segundo Big Ri-



chard, da banda carioca NAC - Negros Acima de Tudo, já foram criadas mais de 15 bandas de rap, no Rio de Janeiro. Ele está sendo tocado nos bailes também em Brasília e Belo Horizonte, lembra. "Funk é só violência, é ritmo, mas os funkeiros não falam do cotidiano", diz.

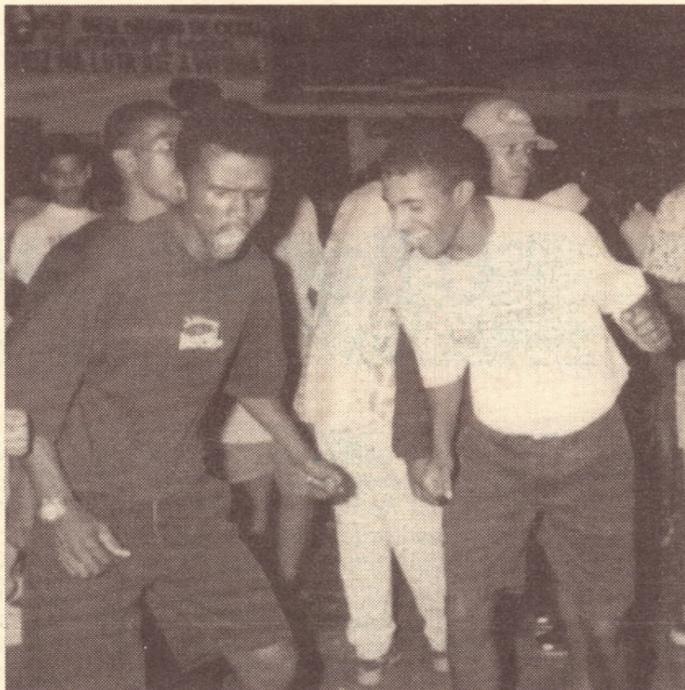
Segundo Amauri Mendes Pereira, do IPCN, do Rio de Janeiro, apesar de ainda envolver milhares de jovens dos bairros periféricos da cidade carioca, o fato dos bailes terem ficado proibidos durante o ano de 1992 estimulou as equipes de funk a dar um novo tratamento às disputas entre galeras. "Agora estão tratando de temas sociais também", diz.

Big Richard revela que várias bandas de rap estão tocando no Rio em vários bailes de funk, ainda que nem sempre apresentando o estilo de consciência política.

Claudete Cristina Inácio, líder do conjunto Lady Rap, de São Paulo, acredita que a expansão deste estilo naquele estado será grande porque "ao contrário do rap, o funk não desperta consciência".

NOVA IDENTIDADE. As mudanças e o crescimento do rap, mesmo em São Paulo, não foram rápidos, diz Nelson Triunfo. Ele lembra que, já na década de 70, este estilo musical era tocado na cidade, dançava-se break nas ruas, e o funk de James Brown era tocado nos bailes. Todos, segundo ele, "são partes de um processo único, que se amplia e está consolidando os espaços de manifestação e de organização da população negra. É uma nova identidade que se está construindo".

HAMILTON CARDOSO



EXTRA: CLINTON ATACA MAS NÃO MATA SADDAM HUSSEIN!

E ELE É BESTA? DA PRÓXIMA VEZ, QUEM VAI LEVANTAR O SEU IBOPE?



BRASIL AGORA

DECOLA BRASIL COM O PARREIRA NO COMANDO?

